



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIANA DE SOUZA CAMPOS

**A experiência literária na formação de alunos do curso de  
Pedagogia**

Campinas – 2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIANA DE SOUZA CAMPOS

**A experiência literária na formação de alunos do curso de  
Pedagogia**

Trabalho de Conclusão de Curso II – TCC II  
apresentado à Faculdade de Educação da  
UNICAMP, como exigência parcial para a  
conclusão do curso de Pedagogia, sob  
orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Cláudia B.C.N.  
Ometto.

Campinas – 2018

**Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s):** Não se aplica.

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

C157e Campos, Mariana de Souza, 1997-  
A experiência literária na formação de alunos do curso de pedagogia /  
Mariana de Souza Campos. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Cláudia Beatriz de Castro Nascimento Ometto.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Formação de professores. 2. Leitura. 3. Literatura. I. Ometto, Cláudia  
Beatriz de Castro Nascimento, 1965-. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

**Titulação:** Licenciado

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 14-12-2018



A Wesleyde Campos,  
Por me ensinar a ler, escrever, amar e por ser uma mãe espetacular.

## **Agradecimentos**

Agradeço em primeiro lugar a minha orientadora Cláudia, que sempre me apoiou e me fez crescer como professora e pesquisadora, a Karen Cezar que tão prontamente aceitou ser a segunda leitora deste trabalho e a todo o grupo ALLE/AULA por me acolher desde a minha iniciação científica.

Agradeço aos meus colegas de graduação Amanda Camasmie, Ana Paula Hirai e Hiago Malandrin por todo o apoio, paciência e amizade ao longo destes quatro anos de curso. A meus amigos Guilherme Scarpa, Lucas Lacerda e Luan Oliveira por compartilharem uma amizade tão sincera comigo desde 2012.

Agradeço ao meu namorado Breno por me mostrar que mesmo nos momentos mais complexos devemos estar sempre abertos ao amor, e a toda sua família por compreenderem meus dilemas acadêmicos, me acolherem de forma tão carinhosa e tornarem-se minha segunda família. As minhas tias Roberta e Suely por serem exemplos maravilhosos de professoras. Agradeço aos meus avós Antônio, Margarida e Mara, por comemorarem comigo cada descoberta universitária.

Principalmente agradeço ao meu pai e meu irmão por estarem comigo em todos os momentos me dando forças e inspiração para seguir o meu sonho. Agradeço a minha mãe por ter me dado à oportunidade de viver de maneira tão esplendida através dos livros que partilhávamos e por me incentivar a estudar pedagogia na Unicamp, sem você nada disto seria possível.

## **Resumo**

O presente trabalho se debruçou a observar as aulas da disciplina EP347- Educação, Cultura e Linguagens durante o período específico do segundo semestre de 2016. A turma era composta por alunos do curso de Pedagogia, em sua maioria, mas haviam também matriculados alunos de outras licenciaturas. Durante as aulas foram discutidos diversos textos teóricos com o propósito de apresentar aos discentes uma grande teia de apoio teórico para as discussões que se pretendiam, além disto, foram utilizados outros aparatos que foram usados com cunho pedagógico como filmes, curtas, pinturas e diversos recursos literários. O objetivo geral foi compreender as experiências dos alunos da disciplina EP347, do curso de Pedagogia, com a leitura literária ao longo de sua trajetória de formação (pessoal e profissional) através do Memorial de Leitura, produzido como trabalho final de curso a fim de responder a seguinte questão de investigação: quais as contribuições da leitura literária no processo de formação pessoal e profissional dos sujeitos? Tomamos como referencial teórico-metodológico as perspectivas da Pedagogia Histórico-Crítica e Histórico-Cultural do desenvolvimento humano. O estudo nos permite considerar que a disciplina possa ter sensibilizado a visão que os discentes tinham acerca das práticas de leitura e de suas próprias trajetórias. As colocações analisadas nos ajudaram a perceber como de fato a presença de um docente leitor reverbera em suas práticas e, portanto, na maneira com a qual seus futuros alunos se relacionarão com as práticas literárias.

## Sumário

Introdução	04
CAPÍTULO I – Curso de pedagogia no Brasil: Uma breve história	09
CAPÍTULO II – A leitura literária na constituição dos sujeitos	17
2.1 Desenvolvimento Humano e a Linguagem	17
2.2 O papel do mediador. Sobre o professor leitor	19
2.3 A importância da Leitura literária	23
CAPÍTULO III – Metodologia de pesquisa	26
3.1 Memoriais de Leitura	28
3.2 Clube da leitura	29
CAPÍTULO IV – A experiência literária	32
4.1 Experiências de leitura nos diferentes espaços	32
4.2 Entre lápis, Caderno e recordações – Experiências no contexto escolar	38
4.3 A formação do futuro professor-leitor	45
Considerações Finais	52
Referências bibliográficas	54
Anexos	57

## Introdução

Nascer ouvindo frases recitadas de um livro de Fernando Pessoa me fez ser quem sou hoje, e em minha infância inteira eu tive duas certezas: Que junto a minha mãe eu passaria a vida toda lendo e queria me tornar professora. Não foram fáceis os caminhos que segui até finalmente adentrar os portões da Universidade, passei por escolas públicas que não tinha professores suficientes e nunca houve nestas escolas oportunidades para se visitar a biblioteca, mas em casa eu tinha tudo isto, mesmo com os recursos escassos de uma família que vive de um salário só, meus pais nunca deixaram que faltassem livros em casa, tivessem eles sido emprestados ou, com muito labor, comprados. Foi assim também que desenvolvi minha paixão por visitar Sebos, pelo prazer de sentir os cheiros que lá havia e poder descobrir segredos dentro das páginas dos livros.

Minha vida toda foi cercada por livros, liam para mim até que eu mesma pudesse ler, mas ainda fazíamos leituras conjuntas em família. É difícil imaginar um tempo na minha infância em que eu não estivesse lendo, lia logo ao acordar enquanto tomava café da manhã, lia no ônibus indo pra escola, lia nos intervalos da escola e meu sonho era poder ler até na hora do banho. Mas infelizmente a gente vai crescendo e a falta de incentivo na escola vai nos desanimando a contemplar as belas histórias que os livros contam, porque de repente lê-los vira simples parte de uma prova onde ninguém vai te perguntar o quanto a história mexeu contigo, vai ser um simples descamar de fatos e personagens para que você prove que leu a história. E isso vai desanimando até o mais ávido dos leitores, pois você para de ter tempo para apreciar as belezas do ato de ler.

Aos poucos a quantidade de livros que eu lia foi diminuindo, me ative também a um único gênero: fantasia. Aos 15 anos comecei a passar o dia inteiro na escola e os estudos escolares fora tirando o tempo de qualquer outra coisa que eu pudesse fazer, e as leituras de manhazinha no ônibus, tornaram-se cochilos para conseguir aguentar a cansativa nova vida. Entrar na faculdade também não foi as mil maravilhas no quesito leitura, obviamente voltei a ler mais do que nunca havia lido antes, mas não era a mesma coisa que ler por prazer, eram novamente textos de estudo.



Então um belo dia, quando eu achava que só voltaria a ler quando me graduasse, conheci a Prof.<sup>a</sup> Cláudia no oferecimento da disciplina EP347- Educação, Cultura e Linguagens no segundo semestre de 2015. A proposta da disciplina, feita em conjunto com a docente Norma Ferreira, era diferente das propostas das demais disciplinas cursadas até aquele momento.

O plano de aulas incluía diversas discussões acerca das maneiras e que pode se dar o processo de aquisição de leitura, diferentes mídias para apresentar as discussões, tal como vídeos, obras de arte, filmes etc. Porém o que mais me chamou atenção no plano da disciplina foi a proposta de realizarmos a leitura de um livro de literatura, e não um simples livro que continham uma história, eram livros que contavam histórias de leitura. Escolhi ler “O castelo de Vidro” de Jeannette Walls e me vi imersa na contemplação de uma história de leitura completamente diferente da minha, que com certeza me fez pensar sobre a infinidade de trajetórias literárias que encontrarei quando lecionar.

A disciplina foi tão rica para mim que solicitei a Prof.<sup>a</sup>. Cláudia que eu pudesse participar do Programa de Apoio Didático (PAD) no segundo semestre de 2016, para que eu pudesse ter uma experiência mais ampla do que a que havia tido como aluna da disciplina. Mais tarde, durante o decorrer das discussões na disciplina surgiu a ideia de transformá-la em uma análise no presente trabalho de conclusão de curso.

Este Trabalho de Conclusão de Curso está vinculado ao Grupo de pesquisa Alfabetização, Leitura, Escrita e Trabalho Docente na Formação Inicial de Professores – ALLE/AULA. Nele indago-me acerca da importância da leitura literária no processo de formação dos sujeitos, no nosso caso, principalmente licenciados do curso de Pedagogia<sup>1</sup>. Pretende-se conhecer - para compreender - as experiências dos alunos da disciplina Educação, Cultura e Linguagens, do curso de Pedagogia, com a leitura literária ao longo de sua trajetória de formação através do Memorial de Leitura, produzido como trabalho final de curso.

Para realizar esse estudo estarei ancorada na perspectiva histórico cultural do desenvolvimento humano que tem como principal pensamento a

---

<sup>1</sup> Todos os nomes utilizados nas análises são fictícios para resguardar a privacidade dos sujeitos.

consideração da sociabilidade no processo de constituição do sujeito – tomando o referencial teórico da pedagogia histórico-cultural -, portanto, esta perspectiva considera que os sujeitos se constituem na e pela cultura, modificando ações e pensamentos dos grupos. Esse pressuposto, portanto, assume que a escola (seja educação infantil, educação básica ou ensino universitário) é um ambiente privilegiado no qual os sujeitos apropriam-se da cultura historicamente produzida. Nela há de haver circulação de conteúdos aos quais os alunos não teriam acesso fora da escola. Isso porque como aponta Marta Kohl de Oliveira (2010):

Vygotsky enfatiza em sua obra a importância dos processos de aprendizado. Para ele, desde o nascimento da criança, o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento e é “um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (VYGOTSKY, 1984, p.101). Existe um percurso de desenvolvimento, em parte definido pelo processo de maturação do organismo individual, pertencente à espécie humana, mas é o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento que, não fosse o contato do indivíduo com certo ambiente, não ocorreriam. (OLIVEIRA, 2010, p.58).

Portanto, assumida a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano para pensar nos processos de constituição dos sujeitos entendo que tudo que envolve o aprendizado humano estaria entrelaçado às vivências sociais e ao contato com a cultura, pelos sujeitos, nos grupos em que estão inseridos. E a escola é um lugar primordial para que esse processo aconteça.

Essas constatações me levam a outra referência teórica que ancora a pesquisa, a saber, a perspectiva da Pedagogia histórico-crítica, em Saviani (1995), que compreende que:

[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, 1995, p.13).

Além disto, nessa perspectiva da educação:

[...] a pedagogia histórico-crítica vai tomando forma na medida em que se diferencia do bojo de concepções críticas; ela diferencia-se da visão crítico-reprodutivista, uma vez que procura articular um tipo de orientação pedagógica que seja crítica sem ser reprodutivista. (SAVIANI, 1995, p.65).

A partir da pedagogia histórico-crítica e suas especificidades teóricas serão cotejadas com mais detalhamento nos núcleos que se seguirão. Isto posto, tal como apontado anteriormente, neste TCC meu **objetivo geral** será compreender como a disciplina Educação, Cultura e Linguagens (EP347), ministrada pela docente Cláudia Ometto, no decorrer do segundo semestre de 2015, contribuiu nesse processo, uma vez que, tal como consta no plano de ensino (2S/2016), a disciplina teve como proposta de curso:

a leitura e a escrita da palavra tomando como núcleo norteador da discussão as práticas da cultura escrita no cinema, na literatura e na escola como modo de compreensão e produção de uma cultura e como formadores de gostos e valores estéticos entre distintas comunidades de leitores.

Cabe destacar que essa disciplina nem sempre foi ministrada pelo mesmo professor sendo que, ainda que a ementa seja a mesma, o viés de trabalho em sua proposta pode ser alterado pelos diferentes professores, uma vez que a construção do conhecimento é dada de forma subjetiva, portanto a marca que cada professor deixa na disciplina é pautada nas experiências e conhecimentos que circulam em distintos grupos, constituindo assim a experiência de cada um dos sujeitos pertencentes aos diferentes grupos.

Decorrente de tal objetivo, tenho como **objetivo específico** compreender as experiências dos alunos da disciplina Educação, Cultura e Linguagens (EP347), do curso de Pedagogia, com a leitura literária ao longo de sua trajetória de formação (pessoal e profissional) através do Memorial de Leitura, produzido como trabalho final de curso a fim de responder a seguinte **questão de investigação**: quais as contribuições da leitura literária no processo de formação pessoal e profissional dos sujeitos?

Diante do exposto, a **produção dos dados** aconteceu no decorrer das discussões dos encontros do curso. Tomarei como **material de análise**: 1. Os

memoriais de formação leitora, produzidos pelos discentes como trabalho de final de curso; 2. O plano de curso da professora para que possamos compreender a proposta de criação do memorial.

Cabe destacar que no decorrer do curso, naquele semestre (2S/2016), eu, pesquisadora, participei do Programa de Apoio Didático (PAD), sendo assim, estive presente em todas as 15 aulas do programa de disciplina.

Para desenvolver essa pesquisa organizarei o trabalho da seguinte maneira: no primeiro capítulo “Curso de pedagogia no Brasil: Uma breve história.” versarei sobre a importância e valorização da escola e da universidade como espaço de compartilhamento de saberes sistematicamente produzidos e de circulação de conhecimentos elaborados, portanto não espontâneos, tal como defende Saviani(1995).

“A leitura literária na constituição dos sujeitos” será o segundo capítulo. Nele explicitarei os modos como Vigotski (2008) compreende os processos de constituição do psiquismo humano e da linguagem, bem como tratarei da importância da leitura e, em especial, da leitura da literatura, nesse processo.

No capítulo terceiro “Metodologia de pesquisa” discorrerei sobre a metodologia de pesquisa e a produção dos dados. Nessa seção procederei à análise dos materiais.

O Capítulo 4 “A experiência literária” será responsável por expor as considerações acerca das falas retiradas dos Memoriais produzidos pelos discentes que produziram o material no contexto da disciplina.

Para finalizar o trabalho tecerei minhas considerações acerca da pesquisa.

## **CAPÍTULO I – Curso de pedagogia no Brasil: Uma breve história**

Neste capítulo trabalhei um breve histórico da educação no Brasil, dando ênfase na história da criação das universidades e da criação do curso de pedagogia.

Para iniciar minhas pontuações comento:

[...] com a vinda da Corte portuguesa para o Brasil, em 1808, que o ensino realmente começou a se alterar mais profundamente. O Brasil, com D. João VI no Rio de Janeiro, passou a ser a sede do reino português. Com isto, uma série de cursos, tanto profissionalizantes em nível médio como em nível superior, bem como os militares, foram criados para tornar o ambiente realmente parecido com o que teria de se Corte. (GHIRALDELLI, 2009, p.28).

Nesta época surgiram também Curso de Cirurgia na Bahia e o Curso de Medicina no Rio de Janeiro, e alguns anos mais tarde a Academia Real Militar, que depois passou a ser a Escola Nacional de Engenharia. Porém, o ano mais importante deste período foi o de 1824, no qual foi proclamada a Constituição Brasileira e “Essa carta constitucional continha um tópico específico em relação à educação. Ela inspirava a ideia de um sistema nacional de educação. Segundo ela, o Império deveria possuir escolas primárias, ginásios e universidades.” (GHIRALDELLI, 2009, p.28).

Aqui posso comentar que, dada à instituição da Corte no Brasil, se fez necessária uma reforma na educação. Onde de início só se necessitava catequizar os indígenas para garantir a entrada mais pacífica no país, passou a ser uma necessidade diferente com o plano de colonização, onde passou a ser necessária uma educação mais completa aos novos residentes do Brasil. Assim, em 1808 as demandas passaram a ser ainda maiores, pois a elite portuguesa não poderia ser apresentada a formas primordiais de educação.

Mas, se analisa-se as condições da época, é de se esperar que a formação de professores e mestres acontecia de forma lenta que não condizia com o crescimento do país. Assim, em 1827 foi adotado o método lancasteriano de ensino:

Por tal método, o ensino acontecia por “ajuda mútua” entre alunos mais adiantados e alunos menos adiantados. Os alunos menos adiantados ficavam sob o comando dos alunos monitores, e estes, por sua vez, eram chefiados por um inspetor de alunos (não necessariamente alguém com qualquer experiência com o magistério) que se mantinha em contato com o professor. Tal situação revelava, então, o número insuficiente de professores e de escolas e, é claro, a falta de uma organização mínima para a educação nacional. (GHIRALDELLI, 2009, p.28-29).

Passou-se a ser necessária uma maior contribuição educativa, tanto que em 1854 foi criada “[...] a Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, cujo trabalho era o de orientar e supervisionar o ensino, tanto o público quanto o particular.” (GHIRALDELLI, 2009, p.29). Mas, ainda assim as instituições de ensino apresentavam problemas, havendo universidades muito distantes umas das outras e o ensino não se fazia heterogêneo, causando problemas aos alunos que migravam de uma instituição para outra.

Algo interessante aconteceu quando, a partir do decreto 7.247 da Assembleia, instituiu-se que o ensino universitário seria facultativo, e caberia ao aluno escolher com quem e o quê se pretendia aprender. Podemos perceber que este decreto sendo consequência da mudança do pensamento educativo da época, já buscava abster os grandes poderes do oferecimento da categoria de ensino universitário.

Dado o já sintetizado até o momento, partirei então para o período da República Velha (1889-1930). O destacamento mais importante dessa época diz respeito ao ato de que “Durante a “Primeira República”, nosso país teve dois grandes movimentos de ideias a respeito da necessidade de abertura e aperfeiçoamento de escolas: aqueles movimentos que os estudiosos da área de “entusiasmo pela educação” e o “otimismo pedagógico”. O primeiro movimento solicitava a abertura de escolas. O segundo se preocupava com os métodos e conteúdos do ensino.” (GHIRALDELLI, 2009, p.32).

É interessante considera também que:

Nesse contexto, absorvermos, ou começamos a absorver de modo mais intenso, a literatura pedagógica norte-americana. Esta literatura foi, em parte, o conteúdo do movimento do “otimismo pedagógico”. Não era prioridade apenas a abertura de escolas, mas, como diziam os livros que chegavam, era preciso também alterar a pedagogia, a arquitetura escolar, a relação de ensino-aprendizagem, a forma de

administrar as escolas, as formas de avaliação e a psicopedagogia. Muitos acreditaram nisso, ainda que não houvesse no país uma rede escolar suficientemente pujante para se pensar em tantas reformas internas. (GHIRALDELLI, 2009, p.33).

É possível perceber aqui que os movimentos não necessariamente se anulavam por conceber ideais diferentes, mas os grupos que defendiam cada um dos ideais tinha sua centralidade em diferentes âmbitos. O movimento que se ocupava da defesa da abertura de novas escolas, tinha como propósito o oferecimento do ensino a uma quantidade maior de pessoas. Enquanto o grupo que defendia melhorias nas escolas já existentes tinha como objetivo uma formação mais completa daqueles que estavam sendo escolarizados.

Porém, é possível pensar que nenhum dos grupos obteve uma vitória significativa, já que o ensino nas escolas não obteve muita melhora e

[...] em 1920, 75% da população em idade escolar ou mais era analfabeta. Para os olhos de alguns, era como se a República não tivesse de fato tornado a “coisa pública” algo realmente público – o ensino público não aparecia como prioridade. (GHIRALDELLI, 2009, p.33).

Há possibilidade de considerar, entretanto, que a pressão que se fez por parte ambos os movimentos acabaram por contribuir com a criação do curso de Pedagogia em 1939. Porém antes que se desse a criação oficial deste curso, em 1935, a Escola de professores – local onde eram formados até então – foi incorporada a Universidade do Distrito Federal, dando assim mais visibilidade a formação que seria necessária aos professores.

Em relação ao período após a “República Velha”:

Durante a década de 1930, o Brasil continuou se industrializando e se urbanizando. A produção industrial foi superior ao valor da produção agrícola em 1933. Cidades como Rio de Janeiro e São Paulo ultrapassaram a casa de um milhão de habitantes. Sabemos que quanto mais urbano se torna um país, mais cresce os setores de serviços, menos as pessoas querem se submeter ao trabalho braçal e, então, mais os setores médios ou aspirantes a tal exigem educação e escolas. Foi isso que ocorreu. Uma boa parte do nosso povo começou a sonhar com algo bastante simples: ver se seus filhos poderiam, uma vez fora da zona rural, escapar do “serviço físico bruto. (GHIRALDELLI, 2009, p.39).

Ainda em 1930, no governo Vargas, foi criado o programa da Revolução de 30 e:

Como indicava o programa revolucionário, Vargas criou o ministério da Educação e Saúde Pública, que durante 1930 e 1937 passou por três gestões: a de Francisco Campos (1930 a 1932), a de Washington Pires (1934); e, por fim, a de Gustavo Capanema, que atravessou a transição desse período de nossa República para o “Estado Novo”, só se encerrando em 1945 com o fim da ditadura do “Estado Novo”. (GHIRALDELLI, 2009, p.40).

Em 1932 temos de citar o movimento a partir do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, e tal documento:

[...] se propõe, então, a retirar a escola e os programas de ensino dos “quadros de segregação social” vigentes, adequando a escola à nova sociedade urbano-industrial emergente. Portanto, segundo o documento de 1932, a nova filosofia da educação deveria adaptar a escola para a modernidade e, para tal, teria de aplicar sobre os problemas educacionais de toda ordem os métodos científicos. (GHIRALDELLI, 2009, p. 42).

Além disso, o Manifesto tinha como objetivo seguir os interesses dos indivíduos, e não de alguma classe social específica e exatamente por isto defendia a criação de uma escola comum ou única, onde todos os educandos tivessem acesso a mesma educação.

No período que se deu entre 1937 e 1968 ocorreram muitas lutas em prol da continuidade, aumento de qualidade e democratização das escolas de âmbito público. Nesta época, em 1939, foi criado o curso de Pedagogia.

Também neste momento foram criados diversos documentos de importância educativa, como a LDB e o PNE, em 1962.

Em relação aos anos seguintes, “A expansão do ensino superior se deu na Ditadura Militar (após 1968), com a opção do Estado de favorecimento de abertura de vagas em tal grau de ensino a partir do incentivo ao aparecimento de faculdades privadas.” (GHIRALDELLI, 2009, p.91). Faz-se notar aqui que, ainda na atualidade, estamos passando pelo mesmo processo de favorecimento das universidades privadas em detrimento das públicas já existentes.



Porém, entre as décadas de 70 e 90 aumentaram o número de cursos de pós graduação no Brasil, o que pode-se considerar um avanço em nossa educação. Próximo a este período chegaram e se estabeleceram no Brasil as teorias de Jean Piaget e Lev Vygotsky, que revolucionaram o pensamento educacional da época.

Com o fim do Regime Militar em 1985, a educação estava desgastada após os anos de repressão educativa e perseguição a certos ideais de ensino vindos de fora do país.

Assim, entre 1979 e 1992 retomou-se, no plano nacional, um espaço de crescente fluxo de ideias no campo educacional. O pensamento marxista no Brasil, especificamente no plano pedagógico, ganhou um espaço especial e estilo próprio. Ele recebeu nos escritos do professor Dermeval Saviani um pólo de aglutinação e criação bastante significativo. (GHIRALDELLI, 2009, p.145).

Temos em 1996 a publicação da nova LDB, que foi fruto das repercussões da Constituição de 1988, onde “[...] determinou ser dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente o direito à Educação como uma prioridade em relação aos outros direitos.” (GHIRALDELLI, 2009, p.149).

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 em seu artigo 43 diz que a educação superior tem por finalidade, por exemplo, estimular o desenvolvimento científico e o pensamento reflexivo. A partir desta premissa temos que as Universidades devem, portanto, disponibilizar inserção educativa em diferentes setores de ensino, fazendo com que seus alunos tenham um ensino vasto e edificante.

É interessante saber também que o mesmo artigo defende o aperfeiçoamento profissional de seus alunos, de forma que seu processo intelectual seja teórico e prático, promovendo aperfeiçoamento nas formas de trabalho já existentes.

Outro ponto interessante desta lei é a defesa de que as pesquisas culturais e científicas geradas nas instituições sejam também apresentadas para a sociedade, assim buscando universalizar os saberes ali construídos. Como citado na lei em seu item V cabe à educação superior “suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a

correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;" (BRASIL, 1996), aqui percebe-se como se faz importante o debate da valorização de um ensino multicultural, tal qual buscamos defender na disciplina acompanhada neste trabalho.

Em relação aos seus cursos e programas oferecidos pelas universidades, o artigo 44 da LDB prevê que haja sequencialidade dos saberes (respeitando assim a obrigatoriedade de cumprimento das séries anteriores ao ensino universitário), consideração das competências e habilidades previstas pela Base Nacional Comum Curricular e oferecimento de processos seletivos que não discriminem nenhum candidato em qualquer que seja o quesito.

A educação superior deve cumprir o total de duzentos dias letivos por ano, salvo pelos dias destinados aos exames finais. A lei prevê também que o ensino universitário pode ser oferecido por instituições privadas ou públicas, sendo na última citada obrigação do Poder Executivo garantir manutenção e recursos para sanar as deficiências das instituições.

Em relação aos professores responsáveis pelas aulas, é necessário que um terço do corpo docente tenha titulação acadêmica equivalente a mestrado ou doutorado, e também a mesma porcentagem cumpra o regime integral de trabalho. Se reflete-se acerca das informações agora expostas pode-se considerar que estas articulações da lei existem para evitar o oferecimento de ensino por parte de profissionais não qualificados.

Na questão do exercício da autonomia assegurada as universidades, é cabível a elas criar e extinguir cursos – desde que os mesmos obedeçam as normas gerais da União -, firmar contratos e convênios, executar projetos de obras, contratação e dispensa de professores e definição de plano de carreira dos mesmos. Podemos perceber que a defesa da autonomia das universidades também se faz importante, para que se possa providenciar todos os serviços previstos acima, buscando oferecer maior qualidade de ensino a seus estudantes.

Voltando a questão histórica do presente texto, a partir de 2000 com os governos que seguiram, a educação teve um aumento ao acesso às universidades públicas e particulares a partir da criação de programas como o

PROUNI, FIES e SISU; porém a educação básica continuou praticamente nos mesmos parâmetros da década anterior.

Assim a partir daqui destacarei algumas informações referentes à formação de professores no curso de pedagogia, tais as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia (2006).

Em seu artigo 2º explicita que o processo pedagógico deve ser compreendido como metódico e intencional, assim como temos defendido durante este trabalho. Se considera-se o processo educacional como algo intencional, precisa-se então defender que o mesmo seja construído em meio as relações sociais e que não seja excludente a qualquer pessoa. Deste modo, na ação educativa estão incutidos valores culturais, éticos e estéticos. Todos estes valores e conteúdos devem ser trabalhados durante a graduação em pedagogia respeitando seu teor prático e teórico.

Como defende o artigo 3º das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia (2006) ambos os teores citados acima devem apresentar “a aplicação ao campo da educação, de contribuições, entre outras, de conhecimentos como o filosófico, o histórico, o antropológico, o ambiental-ecológico, o psicológico, o lingüístico, o sociológico, o político, o econômico, o cultural.” (BRASIL, 2006, p.1).

Além das colocações já feitas, é central a formação dos licenciados e Pedagogia, ter conhecimento da escola como uma organização complexa e que promove educação para a cidadania; aplicar-se em pesquisas de interesse educacional e participação na gestão dos processos educativos.

Como pude observar, o curso de Pedagogia prevê uma formação que integra diferentes funções educativas para que o profissional da área possa se formar de maneira a tornar-se um formador plural.

Ainda em relação às políticas de formação de professores, temos em 2008 a aprovação da lei nº11.738/2008 que prevê a destinação de 33% da carga horária do professor para realização de atividades de planejamento, além de prever o piso salarial dos mesmos. Esta lei tem muito potencial para contribuir com o trabalho pedagógico, porém a mesma não vem sendo cumprida com a intensidade desejada, tendo muitos municípios que não respeitam sequer o piso salarial definido.

Desta forma entro no campo pós formativo do professor. Saviani (2014) defende que “uma boa formação se constitui em premissa necessária para o desenvolvimento de um trabalho docente qualitativamente satisfatório” (SAVIANI, 2014, p.86). Entretanto também aponta que “se as condições de trabalho são precárias, isto é, se o ensino se realiza em situação difícil e com remuneração pouco compensadora, os jovens não terão estímulo para investir tempo e recursos num a formação mais exigente” (SAVIANI, 2014, p.87).

Finalizo assim este capítulo pontuando que a história da educação universitária no Brasil aconteceu de maneira diferenciada com o passar dos anos, sendo iniciada com a necessidade de oferecer à Corte formas de ensino tais como existiam em Portugal, mais tarde passando por um processo de universalização desta forma de ensino e em seguida tornou-se facultativa tal como ainda a encaramos nos dias atuais.

## **CAPÍTULO II – A leitura literária na constituição dos sujeitos**

Neste capítulo trabalhei concepções acerca do desenvolvimento humano e da linguagem, do papel do professor na mediação de leituras e, principalmente, sobre a importância da leitura literária.

### **2.1 Desenvolvimento Humano e a Linguagem**

Em relação ao que é defendido por Lev Vigotsky nos processos de aquisição de linguagem tenho posto que:

Como a escrita é uma função culturalmente mediada, a criança que se desenvolve numa cultura letrada está exposta aos diferentes usos da linguagem escrita e a seu formato, tendo diferentes concepções a respeito desse objeto cultural ao longo de seu desenvolvimento. A principal condição necessária para que uma criança seja capaz de compreender adequadamente o funcionamento da língua escrita é que ela descubra que a língua escrita é um sistema de signos que não têm significado em si. Os signos representam outra realidade; isto é, o que se escreve tem uma função instrumental, funciona como um suporte para a memória e a transmissão de ideias e conceitos. (OLIVEIRA, 2010, p.70).

Dadas estas primeiras considerações, tenho considerado que o ato de ler é um ato social, tendo ele diversas funções dentro da sociedade. Como defende Geraldi, temos três principais aplicações da linguagem em nossa vida social sendo elas: 1. A linguagem como expressão do pensamento; 2. Linguagem como instrumento de comunicação; e 3. Linguagem como forma de interação entre sujeitos.

A leitura e a escrita, portanto seguem os mesmos requisitos por se tratarem de aspectos presentes na linguagem dos sujeitos. Para melhor contextualizar as formas de linguagem, posso definir que:

[...] a concepção de língua como representação do pensamento corresponde à de sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações. Trata-se de um sujeito visto como um ego que constrói uma representação mental e deseja que esta seja “captada” pelo interlocutor da maneira como foi mentalizada. (KOCH, 2006, P.9).

A segunda forma se define, segundo Geraldi (2004), por uma concepção ligada à comunicação e compreende a língua como código para transmitir ao receptor certa mensagem. “Em livros didáticos, é a concepção confessada nas instruções ao professor, nas introduções, nos títulos, embora em geral seja abandonada nos exercícios gramaticais.” (GERALDI, 2004, p. 41).

E por fim exponho na definição da terceira forma de linguagem que:

O texto é o verdadeiro lugar de interação entre sujeitos (GERALDI, 2004), posto que, por meio da linguagem [...] o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala. (GERALDI, 2004, P. 41).

Tendo definido as formas de linguagem, partirei para a análise da presença da literatura no contexto escolar e suas contribuições. Dado que uma das aplicações da linguagem definidas acima é o uso da mesma para a interação entre sujeitos. Posso definir que a maneira como a socialização se dá, afeta também a maneira de adquirir linguagens. Desta forma “Pode-se afirmar que o preparo de uma criança para a leitura e a escrita depende muito mais das ocasiões sociais de estar em contato com a língua escrita do que qualquer outro fator” (ABUD, 1987, p.26).

Acredito assim, ser indispensável à escola a tarefa de proporcionar acesso a conhecimentos acerca da leitura de literatura. Lembrando que o ensino de literatura deve estar ligado mais a apreciação social do que meramente a gramática. Como defende ABUD existe “[...] a importância do professor ser sensível a leitura dos escritos infantis, interpretando-os segundo as intenções de seus autores, de acordo com o seu nível de concepção da escrita e não apenas pelos erros ortográficos.” (ABUD, 1987, p.27).

Smith(1999) define que existem “Dois requisitos básicos para aprender a ler são (1) a disponibilidade de material interessante que faça sentido para o aluno e (2) a orientação de um leitor mais experiente e compreensivo como guia. ” (SMITH, 1999, p.12). Assim sendo, ressalto a importância do professor em ser um leitor qualitativo, podendo apresentar aos seus alunos diferentes gêneros literários e diferentes propostas de interpretação dos mesmos, exatamente por isso que a EP347- Educação, Cultura e Linguagens se propôs

no ano de 2016 a discutir as formas de aquisição e uso de linguagem, principalmente ligados a leitura de literatura.

Concluo assim pontuando que “O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo’- assim, o sujeito-leitor a partir do seu repertório de vivências, confronta o texto literário com o intuito de construir seu significado e chegar aos referenciais que demarcam o seu contexto, ou seja, aos referenciais de mundo pretendidos pelo autor.” (Freire. APUD, SILVA, 2010, p.29).

## **2.2 O papel do mediador. Sobre o professor leitor.**

Trabalhei aqui a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano cunhada por Lev Vigotsky. Meu objetivo foi trabalhar, em linhas gerais, os pontos mais importantes da teoria que defendemos nesta pesquisa.

A perspectiva histórico-cultural tem como principal ideia a participação dos sujeitos em seus processos de aprendizagem, deste modo “A educação é realizada através da própria experiência do aluno, que é totalmente determinada pelo ambiente; a função do professor se reduz à organização e a regulação de tal ambiente.” (VIGOTSKY, 2008, p.76).

O professor tem sua importância então na preparação do meio e dos objetos de trabalho que irão proporcionar ao aluno a sua busca por aprendizado. Como pontuado por Vigotsky “Do ponto de vista psicológico, o professor é o organizador do meio social educativo, o regulador e o controlador de suas interações com o educando.” (VIGOTSKY, 2008, p.76). Além de que “O professor, através da modificação do meio, vai educando a criança.” (VIGOTSKY, 2008, p.76).

Sintetizando o que aponte até o momento:

Na base do processo educativo deve estar a atividade pessoal do aluno, e toda a arte do educador deve se restringir a orientar e regular esta atividade. No processo de educação, o professor deve ser como os trilhos pelos quais avançam livres e independentemente os vagões, recebendo deles apenas a direção do próprio movimento. (VIGOTSKY, 2008, p.75).

Darei continuidade assim, pontuando que “[...] o critério psicológico exige que se reconheça que, no processo educativo, a experiência pessoal do aluno é tudo. A educação deve ser organizada de tal modo que não se eduque ao aluno, mas que este eduque a si mesmo.” (VIGOTSKY, 2008, p.75). Assim, o trabalho realizado durante o desenvolvimento da EP347, respeitou estes critérios, dando aos alunos a possibilidade de desenvolver seu aprendizado, enquanto a docente e o apoio pedagógico se ativeram em alavancar este processo educativo, dando razão a Lev Vigotsky quando defende que “O ambiente social é a autentica alavanca do processo educativo, e todo professor consiste em lidar com essa alavanca.” (VIGOTSKY, 2008, p.76).

Outro ponto relevante da teoria, que defendemos através deste trabalho é de que:

Devemos levar em consideração que a educação sempre e em todas as partes teve um caráter classista, ainda que seus defensores e apóstolos não se desse conta disso. O que acontece é que , na sociedade humana, a educação é uma função social totalmente determinada, que sempre se orienta e prol dos interesses da classe dominante, e a liberdade e uma independência do pequeno meio educativo artificial com relação ao grande meio social são, na verdade, uma liberdade e uma independência muito relativas e condicionais, dentro de estreitas fronteiras e limites. (VIGOTSKY, 2008, p.80).

Assim, posso buscar concluir estas breves explanações sobre a teoria da mediação compreendida na perspectiva histórico-cultural entendendo que:

A escola existe, pois, para proporcionar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola básica devem organizar-se a partir dessa questão. Se chamarmos isso de currículo, poderemos então afirmar que é a partir do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola elementar. Ora, o saber sistematizado, a cultura erudita, é uma cultura letrada. Daí que a primeira exigência para o acesso a esse tipo de saber seja aprender a ler e escrever. Além disso, é preciso reconhecer também a linguagem dos números, a linguagem da natureza e a linguagem da sociedade. (SAVIANI, 1995, p.15).

Porém esta não está neutra em relação à sociedade e sofre pressões e modificações das classes dominantes, portanto é de extrema importância que nós professores estejamos atentos a esta informação e possamos possibilitar



que a escola seja não somente uma reprodutora das desigualdades, como também instrumento de luta social.

A respeito da difusão da leitura, deve-se em primeiro lugar que:

A escola, como um dos órgãos responsáveis pela difusão da leitura, como um lugar onde se aprende a ler e a escrever, a formar ou não o gosto pela leitura, a transformar não-leitores em leitores críticos, constitui-se foco de atenção da ideologia de uma determinada classe social (a do poder) que procura inculcar de maneira natural padrões de comportamento a todos os indivíduos, através de sua legislação, programas de ensino, conteúdos, metodologias e avaliações. (FERREIRA, 1988, p.16).

Assim, tenho posto que a escola é extremamente importante no processo de aquisição de leitura dos alunos, assim, o professor toma o papel importantíssimo de emissor deste conhecimento. Como tenho defendido durante execução deste trabalho – e também foi defendido durante o oferecimento da disciplina EP347 – o professor tem a tarefa de mediar os processos de aprendizados dos alunos, não sendo excluído disto o processo de aquisição de leitura. Como defendido por Vygotsky, e já citado alguns blocos acima, a criança aprende através daquilo que o professor oferece a ela, sendo assim é indispensável que os professores se façam leitores críticos antes mesmo de propor as atividades de leitura a seus alunos.

Como proposto por Ferreira (1988):

Cabe ao educador preocupado com a formação do leitor não se limitar a produzir relações externas com livros, um “habitus” desenvolvido só pela exigência do professor, mas considerar seriamente a leitura como desencadeadora de processos cognitivos, de diálogos interiores, de reflexão, de crítica, de partilha e de comunhão. E como nos alerta Freitag “ler e produzir textos passam a ser uma forma de conquista e liberdade, de transcendência dos limites do eu (egocêntrico) para a verdadeira conquista da cidadania”. (Freitag,1994.p.63) (FERREIRA, 1988, p.20).

Assim, o professor que se propõe a tornar-se um leitor crítico tende a apresentar a seus alunos uma leitura das escrituras que ultrapasse os sentidos já expressos em suas frases, a partir da leitura crítica é possível elevar o texto para além de seus elementos gramaticais e compreender também seus elementos históricos e sociais. Desta maneira, aqueles que assim aprenderem

a desvendar estes aspectos literários estarão mais próximos a exercer sua cidadania de maneira mais expandida.

Mas é importante ter em vista que:

Formar leitores não é moldá-los dando forma ao que não existe, ignorando toda a história anterior dos sujeitos envolvidos, desconhecendo seus horizontes (suas falas, suas fantasias) e apagando a sua constituição enquanto leitores, tornando-os incapazes de se posicionarem perante a própria trajetória como leitores. Formá-los “significa antes de tudo: dar condições para que o estudante descubra que sua convivência com o texto e a escrita antecede sua relação com a instituição reconhecida e legitimada pela sociedade a que chamamos de literatura está presente em boa parte dos momentos de sua vida; e talvez por ser destituída de mistério e sacralidade trata-se de uma atividade boa e agradável”.(Zilberman, 1990,p.48). (FERREIRA, 1988, p.20).

Tendo considerado tais explicações devo pensar novamente na amplitude dos processos de leitura e escrita, realçando que ambos não se definem por seus graus somente gramaticais, tendo em sua constituição os processos históricos e sociais de grupos. Tanto na leitura quanto na escrita temos de ter em mente que não há processos de aprendizado passivo, pois estes se resumem a reprodução do que já foi feito. Nós professores devemos defender um ensino que a leitura dos alunos se dê de forma rica, assim como defendido no excerto abaixo:

O verdadeiro leitor não é passivo diante do texto; ao contrário, ele é responsável direto do(s) sentido(s) que imprime a este texto. É o sujeito-leitor, enquanto membro participante de uma comunidade linguística e interpretativa, em determinadas condições de produção/difusão/consumo, que se torna capaz de atribuir sentido(s) ao que lê. Por isso, os dados textuais dependem sempre dos individuais que, por sua vez, se condicionam aos históricos-sociais. (GUIDI,1998,p.13).

Como já explicitado, o processo de leitura depende da valorização dos processos histórico-culturais da sociedade, assim é importante respeitar a história dos alunos para que possamos construir com eles processos de formação literários mais ricos e complexos. Assim, “Em suma, pela mediação, da escola, acontece a passagem do saber espontâneo ao saber sistematizado, da cultura popular a cultura erudita.” (SAVIANI, 1995, p.21).

E dado que a presente pesquisa dispõe a pensar no modo como a atuação dos professores influencia na vida escolar e pessoal de seus alunos, o conceito de mediação se faz indispensável para as considerações acerca da mesma.

Concluo assim pontuando que:

Por um lado, a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores dos livros: ela é uma “caça furtiva”, no dizer de Michel de Certeau. Por outro lado, o leitor é, sempre, pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correcta, a uma leitura autorizada. Abordar a leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la. (CHARTIER, 1990, p. 123 APUD DAIBELLO, 2013, p.33).

### **2.3 A importância da Leitura literária**

Neste tópico trabalhei especificamente com a importância que considero ter a leitura de literatura. Porém, em primeiro lugar, é importante que seja definida a ideia que tenho de leitura e literatura.

Para mim a leitura constitutiva dos sujeitos se dá a partir da busca por conhecimento, e desta forma acredito que “O ato de ler é, fundamentalmente, um ato de conhecimento. E conhecer significa perceber mais contundentemente as forças e relações existentes no mundo da natureza e no mundo dos homens, explicando-as” (SILVA, 2010, p.16). Assim:

[...] a leitura mais produtiva é aquela capaz de gerar a reorganização das experiências do leitor ao nível individual, e ao nível coletivo, aquela capaz de gerar o máximo de conflito entre as interpretações. Isto porque este tipo de leitura, além de permitir a liberdade e expressão, faz com que os leitores se enriqueçam mutuamente através de elucidações e justificativas constantes, conseguidas através das discussões e do debate (SILVA, 2010, p.19).

Como tenho defendido durante todo o processo deste trabalho, a leitura crítica se constitui no processo de conhecer e indagar-se sobre as coisas do mundo. Ler sem compreender aquilo que é lido é mera decodificação de grafias, portanto é importante que os alunos, mediados por seus professores, aprendam a enxergar o que há nas entrelinhas da escrita. Compreender que

processos históricos e culturais pertencem aquilo que se lê como esboçarei melhor no desenrolar do presente trabalho.

Segundo o dicionário Aurélio literatura é definida como: 1. Arte de compor trabalhos artísticos em prosa ou verso. 2. O conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época. (FERREIRA, 2010, p.470).

Como podemos perceber se faz uma descrição ampla e diferenciada do que pode ser considerado literatura, tendo definições mais específicas como gêneros literários (cordel) e outras mais científicas.

Retirei de Daibelo (2013) uma citação que busca explicar a descrição acima:

O conceito de *Literatura* foi naturalizado – ou seja, tomado como natural e não como histórico e cultural – e por isso se tornou tão eficiente. Por esse motivo, em geral, as definições são vagas e pouco aplicáveis. Apresenta-se a *Literatura* como algo universal, como se sempre e em todo lugar tivesse havido literatura, como se ela fosse própria ao ser humano. (...) Nós temos que discutir o que é literatura, pois ela é um fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais. (DAIBELLO, 2013, p.40).

Por se mostrar devidamente ampla a definição provinda do dicionário prefiro definir que:

Os horizontes propostos pela literatura são ilimitados e as suas interpretações, dada a polissemia da palavra literária, infinitas. A convivência com o texto literário, a motivação da busca de bons autores, em muito alimenta a minha consciência e me permite chegar a conhecimentos mais diversos. (SILVA, 2010, p.58-59).

Percebo assim por esta definição que a literatura pode ser considerada um ato social por assim dizer, ela é o fluir da consciência de conteúdos diversos. E como complementa Daibelo (2013):

“Desse modo, a avaliação sobre o que é ou não literatura varia conforme o período histórico, o contexto cultural e os interesses de instâncias de legitimação autorizadas socialmente a definir quais são as obras de valor literário em cada época.” (DAIBELLO, 2013, p.40).

Desta forma pode considerar a importância da literatura a partir de sua utilização como possível modeladora das relações sociais. Se faz-se a análise temporal de algumas obras literárias é possível notar traços semelhantes no trato de certos assuntos, assim podemos notar como a literatura é influenciável por dados políticos e históricos da sociedade.

No decorrer da EP347 foram trabalhados diversos gêneros literários, sendo inclusive a aula iniciada ou finalizada com uma leitura de literatura, tendo por objetivo vivenciar com os discentes experiências de escrita e leitura com as quais perderam ou nunca tiveram contato. A partir das falas que serão apresentadas mais adiante neste trabalho pode perceber como a presença da literatura se fez importante para suscitar pensamentos que mais tarde contribuíram com a formação acadêmica dos discentes.

Em relação ao processo de leitura em si, pude perceber como o Clube de leitura veio a contribuir para que houvesse mais amplitude de interpretação e relação com os livros lidos, a partir da socialização do que sentiam com as leituras ficou perceptível que as discussões em sala tornaram-se mais intensas e passaram a trazer mais elementos contributivos para a aula.

Busco concluir assim estas breves explanações lembrando que acredito que a leitura fruição – leitura esta provinda da literatura – pode trazer contribuições não somente para quem se entrega a ela, mas também, busco demonstrar com este trabalho, o envolvimento daqueles que futuramente lecionarão para os pequenos. Finalizo complementando com Petit (2009) quando a autora propõe que:

O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo. (PETIT, 2009, p.28-29).

### **CAPÍTULO III – Metodologia de pesquisa**

Neste capítulo tratei da metodologia de pesquisa escolhida para acolher o presente trabalho. Trabalhei a partir da perspectiva histórico-cultural desenvolvida por Lev Vygotsky no que diz respeito a valorizar-se o processo em detrimento aos resultados que deste se obtêm.

Como tenho por foco o processo de aprendizagem, foi de total importância o acompanhamento da disciplina ao longo do semestre através do programa de acompanhamento pedagógico (PAD), oferecido pela Unicamp.

Como pontua Lev Vigotsky “numa pesquisa, abranger o processo de desenvolvimento de determinada coisa, em todas as suas fases e mudanças – do nascimento à morte -, significa, fundamentalmente, descobrir sua natureza, sua essência, uma vez que “é somente em movimento que um corpo mostra o que é””. (VIGOTSKY, 2007, p.68). Devido a isso, a presente pesquisa busca compreender os processos de leitura dos educandos da EP347 abrangendo a trajetória de leitura dos discentes.

Outro ponto importante é explicitar que:

Nossa abordagem do estudo das funções cognitivas não requer que o experimentador forneça aos sujeitos os meios já prontos, externos ou artificiais, para que eles possam completar com sucesso uma tarefa dada. O experimento é igualmente válido se, em vez de o experimentador fornecer às crianças meios artificiais, esperar até que elas, espontaneamente, apliquem algum método auxiliar ou símbolo novo que elas passam, então, a incorporar em suas operações. (VIGOTSKY, 2007, p.81)

Desta forma, em momento algum foram apresentadas aos alunos respostas prontas ou teorias que compreendo como corretas. Durante as aulas foram apresentadas diversas correntes de pensamento, e apesar de a docente apresentar o ponto de vista que respeitava, não era cobrado dos alunos que se apropriassem somente de uma corrente, tendo ela como correta ou única. O objetivo do processo era apresentar diferentes maneiras de compreender o pensamento para que estes pudessem ter maior margem de aprendizado.

Além deste pensamento durante as aulas, deve-se compreender também que o processo de aprendizado não se dá somente através da escola, e que, através da escrita dos memoriais buscou-se entender também como foi

o processo de aprendizagem dos alunos em espaços não escolares como o lar, clubes, instituições e etc.

Tornou-se de extrema importância o acompanhamento da disciplina e a observação atenta das mudanças ocorridas nos alunos, de modo que começaram tímidos e aprendizes, e aos poucos perceberam que ali era o seu lugar de fala e, mais importante, que eles também eram sujeitos participativos do seu processo de aprendizagem.

Assim, concluo estas explanações, esclarecendo que:

[...] não estamos interessados na descrição da experiência imediata eliciada, por exemplo, um lampejo luminoso, tal como ela nos é revelada pela análise introspectiva; em vez disso, procuramos entender as ligações reais entre os estímulos externos e as respostas internas que são a base das formas superiores de comportamento, apontadas pelas descrições introspectivas. (VIGOTSKY, 2007, p.66).

No que diz respeito à ementa da disciplina, encontramos a definição: “Estudo sobre as diferentes linguagens verbais (fala e escrita), visuais (artes plásticas) e audiovisuais (cinema e TV) que dão forma à Educação, à cultura e escolar, ao imaginário e à inteligência contemporâneas.”.

É importante explicitar que a emenda não é definida pelo docente – é claro que ela foi definida pelo corpo docente de um tempo específico e se materializou no catálogo de curso – que assume o já definido em catálogo.

Em relação ao Plano de aulas deve ser esclarecido que o mesmo diz respeito somente ao segundo semestre de 2016 e foi articulado pela docente com o intuito de abranger tudo que acreditava necessário para que a EP347- Educação, Cultura e Linguagens pudesse suscitar nos alunos uma leitura crítica acerca da importância da presença da literatura na formação de professores.

Nessa direção, os objetivos da disciplina são: “Possibilitar aos alunos reflexões sobre temáticas que articulam educação e cultura, mais especificamente sobre as práticas da cultura escrita do ponto de vista do cinema, da literatura e da escola”.

Observa-se, portanto, que a disciplina busca articular questões do mundo da cultura com o mundo escolar. Dito isto, no semestre em questão, a proposta do programa foi:

Acreditamos que educação enquanto prática social utiliza várias linguagens para atingir seus objetivos: a linguagem oral, a linguagem escrita, a linguagem corporal, visual e audiovisual. Nossa hipótese é que estas mesmas linguagens dão forma à cultura, são mananciais em que o sujeito encontra modos para manifestar seus sentimentos, pensamentos e conhecimentos. A linguagem é constitutiva do pensamento, portanto, pensamento e linguagem são processos interdependentes e fatores constituintes do desenvolvimento humano (social, emocional e cognitivo) e da aprendizagem de qualquer conteúdo (acadêmico, escolar, tecnológico, prático). O foco do curso será a leitura e a escrita da palavra tomando como núcleo norteador da discussão as práticas da cultura escrita no cinema, na literatura e na escola como modo de compreensão e produção de uma cultura e como formadores de gostos e valores estéticos entre distintas comunidades de leitores.

Observa-se que tanto ementa quanto objetivos e proposta do programa abrem o leque de possibilidades de trabalho com linguagem, mas é na proposta metodológica que a leitura da literatura explicita-se como núcleo articulador. Vejamos: “Neste curso, os alunos são convidados a ler literatura, no confronto com apreciações construídas pelas comunidades de leitores e acompanhados do debate (textos teóricos) sobre cultura, linguagem, literatura”. Nesse contexto foi realizado o que denominou-se de clube da leitura, sobre o qual explanarei mais adiante.

Ainda na direção da leitura da literatura como núcleo articulador do desenvolvimento dos trabalhos, a solicitação de trabalho final foi a elaboração de um memorial de formação leitora, individual, que tecesse relações entre os textos estudados e a leitura literária.

O memorial deveria tematizar as experiências e memórias de leitura e de escrita dos discentes, sendo que o recorte temporal seria decisão do autor. Os trabalhos deveriam, necessariamente, conter reflexões que dialogassem com os textos teóricos e literários lidos e discutidos na disciplina, bem como com os filmes, vídeos e curtas assistidos. Este será o material que tomarei para análise em interlocução com os apontamentos das observações ativas realizadas pela pesquisadora.

### **3.1 Memoriais de Leitura**

Nessa seção apresentarei as especificidades a respeito da escrita dos memoriais, assim como algumas indagações e estranhamentos dos alunos a respeito da produção do material.



Como consta o plano da disciplina:

Os alunos deverão elaborar um memorial de formação leitora, individual, que teça relações entre os textos estudados e a leitura literária. O memorial deverá tematizar suas experiências e memórias de leitura e de escrita e o recorte temporal será decisão do autor. Os trabalhos, necessariamente, deverão conter reflexões que dialoguem com os textos teóricos e literários lidos e discutidos na disciplina, bem como com os filmes, vídeos e curtas assistidos.

Por tratar-se de um gênero de escrita que abre mais possibilidade de liberdade, a docente também sugeriu que o documento pudesse ser construído em modelo narrativo, privilegiando a escolha dos alunos e desde que seguisse também os seguintes critérios para sua melhor avaliação:

- i. relevância dos aspectos selecionados sobre sua história de leitura;
- ii. o caráter reflexivo das memórias selecionadas - a partir dos textos teóricos estudados, dos textos literários lidos e discutidos e dos filmes e vídeos assistidos;
- iii. empenho na escrita do trabalho;
- iv. uso da modalidade escrita padrão, correção e clareza.

Durante as explicações do processo de construção de tal material os alunos se mostraram bem animados pela liberdade expressiva que tal gênero de escrita lhes proporcionaria, relataram também certo nervosismo em talvez não se lembrarem dos seus processos de formação leitora, mas com as orientações dadas em sala durante o semestre e as lembranças que foram suscitadas durante o Clube da Leitura os alunos passaram a tomar o processo de escrita dos memoriais de forma mais aberta.

Ao todo foram produzidos 39 memoriais, os quais serviram para o processo avaliativo da disciplina EP347 e mais tarde para análise e construção do presente trabalho de conclusão de curso.

### **3.2 Clube da Leitura**

Nesta seção apresentarei o projeto Clube de Leitura, realizado durante as aulas. Com a anuência dos alunos as conversas e discussões foram gravadas e transcritas, num total de três horas de debate, porém neste trabalho

não tomarei para análise as transcrições dos diálogos ocorridos no contexto do Clube de Leitura.

Explicitarei aqui os objetivos do Clube em sala de aula, pois eles foram fundamentais para alimentar a construção dos Memoriais de Leitura dos alunos.

O Clube da Leitura acontecia sempre nos primeiros 15 a 30 minutos do início das aulas. Os alunos discutiam os livros literários escolhidos por eles para a leitura durante o semestre de forma voluntária. A ideia era que comentassem suas experiências de leitura mais do que o enredo do livro, portanto a pergunta era: o que essa leitura suscitou em mim? O que senti ao ler esse livro?

Para que o processo de dinâmica do Clube de Leitura acontecesse a proposta foi apresentada junto ao plano de aula da disciplina, mas só iniciaram-se as atividades relativas a ele na terceira aula da disciplina, isso porque os alunos deveriam escolher a obra a ser lida no rol que lhes fora apresentado.

É importante ressaltar que todas as obras definidas para escolha de leitura tratavam em suas narrativas o processo de leitura ou o contato com o mundo literário, trabalhando assim o estranhamento e as mudanças que o contato com a literatura pode causar nos indivíduos e grupos. Em relação a lista de livros oferecidos, será possível consultá-la nos anexos.

Como todo processo de ensino-aprendizagem, o Clube apresentava algumas regras a serem seguidas pelos alunos, a saber: 1. Em algum momento todos os alunos deveriam expressar ao menos uma vez suas impressões do livro lido ou do processo de leitura, sendo espontânea a escolha do momento em que gostariam de se apresentar; 2. Durante as exposições a respeito dos livros não seria permitido revelar elementos da história que pudessem prejudicar a leitura dos demais alunos.

No início as discussões eram introduzidas pela docente e/ou pela pesquisadora, visto que os discentes estranharam tal dinâmica de atividade, porém, com o tempo os mesmos foram se acostumando ao processo e passaram a dirigir eles mesmos as discussões a respeito das leituras realizadas.

Foi um processo extremamente rico para a relação docente/discente criando aproximações discursivas entre eles além de contribuir para o processo de construção dos Memoriais de Leitura – meus objetos de análise.

Minhas análises dos materiais permitiram organizar as implicações da leitura literária na formação do sujeito leitor, considerando tanto o memorial quanto o clube literário, a partir de três grandes núcleos, a saber:

1. EXPERIÊNCIAS DE LEITURAS NOS DIFERENTES ESPAÇOS. (O que dizem os discentes sobre suas experiências com a leitura literária fora do ambiente escolar).
2. ENTRE LÁPIS, CADERNO E RECORDAÇÕES – EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO ESCOLAR. (O que dizem os discentes sobre suas experiências enquanto alunos na escola - da infância ao ensino médio).
3. A FORMAÇÃO DO FUTURO PROFESSOR-LEITOR – (Como a disciplina no processo de formação provocou os estudantes de pedagogia como futuros professores leitores).

## **CAPÍTULO IV – A experiência literária.**

O eu se constitui a partir dos outros. Somente com os outros o eu de diferentes formas se constitui em sua individualidade. Esses outros estão presentes na literatura, na família, na escola e atuam discursivamente nos diferentes planos de existência dos discentes, dentro e fora da escola. A partir dos dados produzidos, analisando as narrativas contidas nos memoriais e nos relatos sobre o Clube da Leitura, a pesquisa se desdobra três núcleos de análise apontados anteriormente. Passemos a eles.

### **4.1 Experiências de leitura nos diferentes espaços.**

Neste núcleo observarei como a leitura de literatura afetou os discentes em suas subjetividades. Falas como as que serão apresentadas demonstram como a formação literária se mistura e se refaz nas trajetórias pessoais de cada um.

Aqui serão explanadas ideias a respeito de como o exercício de construção do memorial e das demais atividades feitas na disciplina EP437 suscitaram nos alunos memórias de sua trajetória literária pessoal. Foram selecionadas falas tais como as expostas abaixo:

Sobre a minha experiência como escritora deste memorial. Foi um exercício que me trouxe muito prazer, pois pude relembrar momentos da minha vida que nem imaginaria passar novamente em minha mente! Agradeço a professora Cláudia Ometto por me permitir, escrever e pensar nesse trabalho, apesar de simples.  
– Karina

Foi aí que comecei a pensar sobre isso, buscando memórias de livros e histórias, e, de repente, começam a vir lembranças. Lembranças de coisas que eu realmente não lembrava e que eu provavelmente nunca iria lembrar se não fosse por este memorial.  
-Belinda

Algo interessante que me marcou desde pequena é que lembro-me da minha mãe me contando sobre um livro que ela leu quando era bem jovem. Um livro que ela dizia que nunca esqueceria. Demoramos até descobrir o nome dele. Ele se chama: “Atrevi-me a chamar-lhe Pai” de Richard Schneider. Marcou-me porque não era algo que eu ouvia falar sempre e despertou em mim a curiosidade para encontrá-lo e pensava: "O que de mais teria nesse livro?". Foi bem difícil, por ser um livro antigo e pouco conhecido. Mas foi uma experiência maravilhosa quando o encontrei e pude ler junto com ela alguns

trechos que ela mais gostava e se impressionava. Mas confesso que essa super impressão com aquele livro só aconteceu com ela... Mas foi bom participar da experiência dela nesse momento.

- Karina

As falas lidas dizem muito sobre como o exercício de construir o Memorial de Leitura fez suscitar lembranças de coisas que as discentes não acreditavam que ainda fora possível lembrarem.

Outras lembranças suscitadas revelam que mesmo antes da leitura decodificadora de palavras, nossas discentes faziam suas leituras de mundo de outras formas, seja compreendendo o que era lido para eles, seja fazendo suas leituras de mundo. Desta forma:

Acreditamos que um olhar mais atento às práticas de leitura em diferentes contextos sociais pode levar a uma revisão da premissa de que as crianças não leem, discurso tão comum, sobretudo nas escolas, e, se tratando de crianças de camadas populares, propondo inclusive uma revisão do conceito de leitura e de suas práticas no contexto escolar. (FELIPE, 2012, p.51).

Demais falas apresentam pensamentos suscitados em relação ao reconhecimento e a retomada da trajetória literária dos discentes tais como pode-se perceber abaixo:

Durante as aulas de Educação cultura e linguagens recordei de muitas memórias. Em uma dessas aulas fui apresentada ao conto de Ricardo Azevedo “O homem que não sabia ler”. Nesse conto temos o diálogo de um homem que não sabia ler com uma criança que possui essa habilidade. Durante a leitura do livro pude voltar no tempo e me lembrar de vários momentos que vivenciei com a minha mãe, coisas simples, que às vezes não podíamos fazer sozinhas, pois ambas não sabiam ler.

- Catarina

Hoje eu tenho uma nova lista de livros para o ano que vem. E acredito que esse memorial tenha sido a panaceia que eu precisava para voltar a escrever e ler mais.

-Aurora

Confesso que fico ao mesmo tempo muito feliz em poder compartilhar todas essas pequenas histórias (muitas das quais tive que ser estimulado para lembrar) e também intrigado com a dificuldade que tive para terminar esse trabalho. Me parecia que a literatura não era assim tão presente em minha vida, mas vejo que estava enganado. Agradeço a você professora, por ter me proporcionado a oportunidade de resgatar minhas memórias e concretizá-las.

- Daniel

Percebe-se pelas falas acima como se faz relevante a abertura de um espaço pra que os alunos possam refletir e relembrar a respeito da sua experiência com a leitura, talvez senão fosse a necessidade da criação do memorial, estes alunos não teriam suscitado reflexões tais como as que trabalharemos durante este trabalho.

A partir das falas aqui selecionadas pode-se também refletir sobre como a família e a amigos podem influenciar na trajetória literária dos demais, assim como exposto nas falas abaixo:

Minha primeira memória resgatada nas aulas foram quando foi contado o conto sobre a Cobra Norato. Quando era criança, como dito anteriormente, adorava fantasiar, a muitas vezes fantasiava de índia. Meus pais, que se divertiam e curtiam bastantes essas fantasias compravam livros de contos indígenas: a lenda da mandioca e, o que mais me lembrou, foi o livro “Clara como Sol e Escuro como a Noite” um romance de dois livros que explica o encontro das águas do Rio Negro e Solimões. Curtia muito o livro, e o lia sempre (até a hora que enjoiei).

- Luíza

[...] uma grande amiga minha foi um fator que me influenciou muito. Ela se chama Ana Luísa. Como minha irmã, ela era uma devoradora de livros. E é lógico, que uma devoradora de livros tem que fazer com que todos ao seu redor também sejam devoradores de livros. Graças a ela, continuei tentando ler os livros que eu tinha vontade de ler, além dos obrigatórios.

- Belinda

“Quando ela (minha sobrinha) estava com 4 anos, comecei a ler para ela livros infantis que tinham aqui em casa e via ela surpresa com o primeiro contato com o mundo da leitura, também um mundo de imaginação. O interesse dela pela história, pelos personagens, pelas situações e principalmente pelo desfecho fazia, aos poucos, desconstruir a ideia arraigada de leitura que eu tinha. Uma leitura escolar, obrigatória, para o vestibular, enfim, chata. Aquele modo frustrado de ver o universo das letras tornou-se um espaço de imaginação, fonte de conhecimento e exploração.”

- André

Como é possível observar pelas falas acima as famílias e amigos dos discentes tornaram possíveis as interações literárias dos mesmos, tendo apresentado, dividido e incentivado trajetórias literárias. Se penso que “As práticas de leitura circunscrevem não apenas um fazer, mas um fazer que se

aprende e se adquire com o outro, em contextos culturais específicos e em certas comunidades de práticas que requerem participação, atividade e ação” (FELIPE, 2012, p.11), considero que as falas acima se fazem importantes por considerar que o ato de ler é um ato social, portanto, quanto mais as comunidades participarem da propagação de leituras mais estaremos caminhando para o exercício de uma cidadania.

Outras falas que selecionei demonstram também como a leitura nos ambientes não escolarizados permitiram aos discentes a consciência da leitura como ato de cidadania, assim como podemos perceber abaixo:

Desde pequena, me lembro de ter bastante contato com os livros. Por meus pais serem pedagogos, acredito que eles foram uma forte influência para que a leitura fosse algo comum no cotidiano.  
- Belinda

[...] minha mãe sempre deu muita importância a leitura pois dizia que é lendo que aprendemos as coisas.  
- Paula

Poder ler para minha mãe e lhe apresentar um mundo novo e diferente fazia com que eu me sentisse bem em ajuda-la. Isso me aproximou ainda mais dela, éramos companheiras em todos os lugares e ocasiões.  
-Catarina

A influência da leitura foi aos poucos modificando os modos de perceber e alterar a situação social em que se encontravam. Como demonstra a última fala citada, o ato de ler, aproximou mãe e filha e as colocou em uma nova relação. Agora sendo conhecedora das letras não era mais necessário depender de interpretações outras para suas vidas cotidianas. Os exemplos que virão a seguir demonstram também que as trajetórias de leitura não dependem somente do ato de ler, mas de incentivá-lo mesmo que não se saiba decodificar o que há nos livros.

Para muitas pessoas, logo na infância quando somos bem pequenos, existe um contato com a leitura antes de ingressar na escola, quando nossos pais nos contam histórias de grandes livros ilustrados, porém, considerando que na minha família não existem muitos leitores e que possuo uma mãe analfabeta, as histórias que eu ouvia eram inventadas por ela, ou histórias que ela havia ouvido de alguém.  
- Catarina

Estávamos nesta numerosa família, quase todos, excluídos do mundo dos livros, mas não do mundo discursivo. Sendo assim minha infância não foi marcada por nenhuma leitura ou livro especial, mas por narrativas ricas em seres míticos em pleno convívio com as pessoas que me cercavam.

- Daiane

A respeito do ato de ler, é possível perceber que ele possibilita que compreendamos o mundo de outras maneiras, que façamos releituras e possamos assim nos conectar com as significações feitas e refeitas durante as leituras, assim como defende Silva (2010):

De repente, somos que fisgados pelo texto e empaticamente acompanhamos as personagens no miolo da trama, enfrentando conflitos e superando obstáculos. No prazer gerado pela complexidade e oscilação dos sentidos – decorrência natural do movimento de nossa consciência no adentramento de texto literário – vamos conhecendo e compreendendo melhor o mundo e a nós mesmos. (SILVA, 2010, p.25).

E como complementam as falas apresentadas pelas discentes abaixo:

Nessa época, estudava com a minha prima, Rafaela, que coincidentemente é neta do falecido Rubem Alves. Um dia, ele foi a essa biblioteca contar uma história: “A Porquinha de rabo esticadinho”. O livro foi feito para sua filha Raquel, que nascera com problemas. Na época, eu não sabia disso, mas me maravilhava com o jeito em que Rubem Alves contava a história. Quando mais velha, descobri o real motivo e o livro passou a me maravilhar ainda mais. Outro livro dele que me marcou muito é “A Menina do Passáreo Encantado.

- Fernanda

Uma história que me marcou muito e que eu sempre disse ser minha favorita era A Verdadeira História dos Três Porquinhos, de Jon Scieszka. Ela era contada pela versão do lobo, cujo verdadeiro nome era Alexandre T. Lobo. Eu achava incrível a ideia de que, na verdade, os malvados da história eram os porquinhos, que manipularam toda a história e todos acreditaram – afinal, em quem é que você acreditaria? Em três porquinhos “inocentes” ou em um lobo “mal” furioso? Esse livro eu com certeza vou guardar até poder ler para os meus próprios filhos!

- Belinda

Eu lembro que amava ler, passava ótimos momentos lendo, os livros eram minha companhia, mas já um pouco mais velha (quando pré-adolescente e adolescente) me tornei mais seletiva com minhas leituras. Meus pais me obrigavam a ler jornais e revistas, e eu odiava;



achava chato, cansativo, sem graça. Desde então eu era taxada pelo meu pai como uma não-leitora, e me comparava com meu irmão, que lia revistas e jornais. A questão é que eu gostava de ler o que eu gostava de ler; simples.

- Bárbara

O livro que me introduziu de vez nesse maravilhoso universo foi O Sítio do Pica-Pau Amarelo. Apesar de hoje eu possuir algumas críticas sobre esse livro, e mesmo já conhecendo a história na época me preendi nela. Todas as figuras, as páginas grandes e aquela narração linear aqueceram meu coração e eu desejei mais daquilo.

- Sofia

Compreendo a partir destas explicações que o incentivo à leitura por parte da família se faz importante para a preparação dos processos que acontecerão na escola, se já familiarizados com os processos de leitura, quando na escola, tendem a serem alunos mais críticos e também tendem a prosseguir leitores.

Só posso dizer que a partir da primeira palavra que eu li, nunca mais parei de ler, que me apaixonei pela leitura e pelo que ela nos proporciona. Na verdade, acredito que eu já lia. Não eu mesma juntando as palavras, mas quando meus pais contavam histórias para mim quando eu era bem pequena, já estava tendo meu primeiro contato com os livros e de certa forma, lendo.

- Giulia

Percebe-se também outras falas que dizem respeito a outras considerações importantes sobre a leitura, como os espaços de acesso aos livros e a importância de valorizarmos cada passo que é dado em direção à construção de uma trajetória de leitura. A existência e manutenção de bibliotecas abertas ao público se faz importante no sentido do acesso aos livros. Outra discussão iniciada aqui diz respeito à importância de apresentarmos e valorizarmos diferentes gêneros e tempos de leitura, tal como apresentam as falas dos discentes abaixo:

Me tornei frequentadora semanal da biblioteca, com uma média de 2 a 3 livros de empréstimo por semana. O autor que mais me marcou nessa época foi Pedro Bandeira; eu adorava suas histórias, em especial a coleção Os Karas, tendo depois até eu mesmo comprado parte da coleção apenas pelo prazer de ter alguns dos meus livros preferidos.

- Carla

Comecei minha trajetória de leitura muito jovem com gibis (principalmente da Turma da Mônica) e livros infantis. O primeiro livro que eu escolhi ler, ou seja, que não foi presente dos meus pais nem algum livro pedido na escola, foi Seis Vezes Lucas, de Lygia Bojunga. Desde então, ela se tornou minha escritora favorita! Esse livro, assim como outros dessa autora, possui uma profundidade que o faz parecer uma literatura adulta, e não infanto-juvenil. Ela trata de questões existenciais e uma forma muito perturbadora; eu gosto muito de livros assim. Até hoje eu leio e releio os livros de Bojunga.

-Bárbara

Para mim, o livro mais especial é a Bíblia Sagrada, nele eu consigo encontrar de tudo, nele há histórias de amor, o amor de Deus, aquele que me amou primeiro. Tento ler todos os dias a Bíblia, é um livro que me acompanha o tempo todo, pois tenho também como um aplicativo no celular. Esse é o livro que venho lendo desde criança, o melhor livro de todos! Posso dizer isso sem sombras de dúvida.

- Jaqueline

Percebo assim como se faz importante ouvir o que nossos discentes têm a dizer sobre sua trajetória de leitura: sobre que livros e gêneros foram lidos, como os mesmos afetaram seus sentimentos e experiências de vida, em que momento foram lidos, e, principalmente, quais foram as motivações de suas leituras.

Pode-se concluir que a leitura é um processo, e como tal, exige continuidade e envolvimento. Autores, famílias, e principalmente professores devem prover os meios para se mantenham sua acessibilidade e seu encanto para as crianças, como defendido por Smith (1999) “[...] os professores devem, portanto, garantir que a leitura seja sempre acessível e agradável a todas as crianças.” (SMITH, 1999, prefácio).

#### **4.2 Entre lápis, Caderno e recordações – Experiências no contexto escolar.**

Neste núcleo apresentarei as falas dos discentes que condizem com as constatações dos mesmos a respeito de como se deu sua formação como leitores no interior da escola. Abaixo é perceptível como alguns discentes notaram-se neste processo:

[...] somente as histórias que as professoras contavam não eram suficientes para mim. Sim, eu queria mais. O meu grande desejo era ler.

-Anastácia

Não gostava de ler, pois, textos como o de Luis de Camões achava difícil a compreensão e como foi escrito há muito tempo atrás, isso acabou me desmotivando.

- Betina

Tomar consciência de como se iniciaram nossos processos de leitura é um passo importante para continuarmos construindo nossos repertórios de leitura, percebendo com criticidade o que já alcançamos e no que devemos trabalhar mais, processo este de olhar para nós mesmos e avaliarmos que bens e tristezas nossos processos literários nos têm agregado.

Conversando com o aparato teórico temos esta ideia defendida por Silva (2010) que define que

Ao leitor do texto literário cabe, então, não só compreender, mas também imaginar como a realidade poderia ser diferente; não só compreender, mas transformar e transformar-se; não só transformar, mas sentir o prazer de estar transformado (SILVA, 2010, p.30).

A partir desta colocação vejo como os aspectos históricos, sociais e sentimentais estão envoltos nos processos de leitura, levando-nos a considerar as sensações de prazer e desprazer desde o olhar para capa da obra até desvendar o fim desta.

Entretanto percebo que a leitura não se dá e não é reconhecida da mesma forma por todos, portanto é interessante mostrar como as falas dos discentes se mostram diferentes em relação as suas trajetórias de leitura.

A começar pelas experiências não tão marcantes que os alunos viveram devo considerar que:

A escola manifesta o seu modo próprio de ser através da prática pedagógica de seus professores, da forma de ação direta sobre os seus alunos. Portanto, a prática pedagógica se manifesta no trabalho produtivo realizado na sala de aula, como efetivação da função mediadora do professor, dentro das condições objetivas que ela ocorre. (ABUD, 1987, p.1-2).

Deste modo, posso considerar que a forma como o professor media os conhecimentos para seus alunos, influencia bastante no modo como os mesmos tratarão o assunto. Como aponta aluna:

Não consigo lembrar de ter lido algum livro na e para a escola, durante o ensino fundamental.

- Priscila

O fato de seus professores não se mostrarem leitores críticos e ávidos fez com que a discente pouco se interessasse em buscar leituras. Em outro exemplo pode-se perceber que a indicação de leituras como fim e não como proposta de se pensar sobre a leitura também acaba por não incentivar que os alunos pratiquem leituras de forma adequada:

“No ensino fundamental as maiores leituras que fiz foram obrigatórias, mesmo quando tinha escolha, acabava sendo numa aula ou momento obrigatório.”

- Aurora

Infelizmente as escolas públicas, em sua maioria, - mas também algumas escolas particulares - enfrentam o problema de incentivo a leitura como relatado pela discente:

Apesar desta escola ter uma linda biblioteca com livros encantadores, só pude visitá-la, pasmem vocês, três vezes durante todos os anos em que lá estudei, isto porque o HF não dispunha de um bibliotecário (a). Este fato me choca até hoje, me entristece saber que tantos livros, tantas cores, tantas histórias, personagens, mundos estão guardados e que os alunos não possuem acesso a eles.

- Sofia

A partir de tais constatações acerca da influência do ambiente escolar na compreensão de leitores dos discentes, partirei para a exposição de casos cujas experiências contribuíram de forma mediana para a formação literária destes alunos, assim como demonstro nos exemplos a seguir:

Quanto à leitura, lia os textos que a escola cobrava, mas sem abandonar o hábito de ler livros “por fora” a minha escolha. Dos obrigatórios, gostei muito de O Cortiço; a cena da personagem Pombinha tendo sua primeira menstruação foi uma das passagens mais estranhas que já li, que me fez me perguntar o porquê de eu ler um livro como aquele. O Cortiço me ganhou pela sua estranheza e pela sua bizarrice que, aos meus olhos, tinha certo charme.

- Carla

Quando criança, muitas vezes via as leituras e as escritas nas aulas de português como uma obrigação, não entendia o quanto importante isso é para a minha vida, pois, somente é possível haver comunicação entre as pessoas através da linguagem e a partir da leitura e da escrita é que conseguimos exercer nosso dever de cidadão.

- Betina

No entanto, foi através dessas leituras obrigatórias que eu li as obras e autores que eu admiro e leio até hoje, como Machado de Assis. Chega a ser engraçado que eu não me lembre o exato momento em que tomei contato com esse ilustre escritor, mas que não interfere de forma alguma no quanto eu gosto de lê-lo.

- Aurora

Vê-se nos exemplos acima que, apesar do pouco incentivo da escola ou da alta carga de livros obrigatórios, ainda assim os alunos não se desprenderam das leituras que praticavam, e também, que através da escola tiveram contato com autores que passaram a gostar. Como aponta Silva (2010), “O gosto pela leitura, que sem dúvida resulta de práticas de leitura, também é produzido socialmente e, por isso mesmo, também se sujeita às regras encontradas no conjunto da estrutura social.” (SILVA, 2010, p.49).

Há, entretanto também relatos de que a vida escolar acabou por interromper as leituras que já aconteciam como no caso das alunas abaixo:

De fato, a escola pouco contribuiu em minha formação de leitora: meus pais eram pacientes e vivi em um ambiente muito estimulante.

- Talita

Há! O famoso ensino médio! Para mim, de certa forma, foi uma catástrofe em relação à leitura.

- Karina

Ao entrar no ensino médio, confesso que perdi totalmente o gosto de leitura por literaturas ou outras prazerosas, pela falta de incentivo na escola, e até mesmo do grupo de pessoas em que eu fazia parte. Liamos apenas o que posto nas matérias.

- Amélia

Vê-se então que nossas experiências com a leitura também nos apresentam às vezes reflexões dolorosas sobre nossas vidas. Os livros para

alguns são formas de escapar dessas tão dolorosas realidades vividas, mas outras nos apresentam a empatia literária de viver as dores escritas por outros.

Eu nunca gostei de ler, nunca fui incentivado a ler dentro de casa, e talvez o jeito besta que costumam ensinar, deve ter criado uma certa repulsa em mim. Essa minha rejeição à leitura deve ter sido agravada com os professores me obrigando a ler em voz alta.

-David

Felizmente é possível perceber também como a formação de professores leitores também contribui, e muito, para cativar os alunos em direção às experiências literárias críticas, assim como se pode ver nos relatos a seguir:

Só sei que recordei e foi muito bom lembrar como era maravilhoso ouvir histórias no fim do dia na escola, como elas parecia elaboradas e longas, e hoje, quando fui ler de novo, possui apenas algumas frases curtas, que até achei bobinha, mas isso é natural, é um fato. Amadurecemos, nos tornamos mais críticos, nosso tipo de leitura muda e o nosso gosto literário também.

- Greta

A escola foi muito importante para a construção do meu interesse pela leitura, quando eu estava na Educação Infantil, nós íamos na biblioteca toda sexta-feira, a professora escolhia um livro para ler, ou nós mesmos escolhíamos e ela lia. Nós sentávamos em um tapete, em roda, aconchegados nas almofadas e ansiosos para saber qual seria a história do dia. É engraçado pensar que nessa época, nenhuma criança tinha desinteresse pela leitura e como isso vai se perdendo ao longo do tempo, talvez pela falta do próprio tempo, ou porque os estímulos vão diminuindo.

- Greta

Realmente foi uma professora que veio para mostrar o que eu quero ser pros meus alunos quando estiver numa sala, não alguém que eles tenham medo ou então que se sintam na obrigação de realizar uma tarefa, mas alguém que eles vejam como exemplo e que gostem alguém que consiga mostrar a eles que estudar não é chato e que depende de você para tornar isso uma obrigação ou uma diversão.

- Beatriz

Pode-se ver também exemplos como os abaixo que buscam debruçar o pensamento em direção as formas que a escola pode contribuir para a formação leitora dos alunos, e pensar também que alunos que já se encontram

no mundo literário antes de adentrar a escola tendem a ser bem sucedidos nas tarefas escolares relacionadas à língua portuguesa.

Da mesma forma que a escola contribuiu para minha leitura, a minha leitura contribuiu para escola.

- Greta

No ensino médio, entrei em contato com obras de literatura brasileira, mas me interessava por diferentes tipos de livros, além dos de literatura. Lembro-me de já naquela época valorizar a leitura, pois tinha a consciência de que se eu lesse pouco, teria um vocabulário restrito, teria menos conhecimento para debater, discutir, argumentar e assim formar o senso crítico.

- Helena

Logo que entrei na escola, tive a chance de conhecer as rodas de leitura apresentadas pela professora, e que muito me interessavam pelo acesso rápido a um mundo mágico, e divertido. As histórias sempre eram contadas de forma atrativa e sempre com auxílio de imagens, músicas, bonecos e fantasias. Conhecer histórias, lugares, personagens... É tudo muito divertido para uma criança de cinco anos. Nessa fase ainda a leitura me interessava muito, talvez fosse pelas maravilhosas ilustrações que existiam nos livros infantis e que até hoje me fascinam.

- Catarina

A partir destes relatos pode-se pensar a respeito do lugar da escola em relação aos hábitos de leitura, e como aponta Ferreira(1988):

A leitura não é opção escolar e nem pode se restringir apenas ao âmbito da escola. Porém, cabe à escola, enquanto instituição, uma grande parcela nessa formação do leitor. Ninguém torna-se leitor sem querer ou nasce sabendo ler. A constituição do leitor se processa como ato voluntário, consciente e apoiado em múltiplas tomadas de consciência (de orgulho, de rejeição, de contestação, de escola assumida) sobre as condutas de leitura e do questionamento do não ser leitor, numa prática social e coletiva, inclusive na escola. (FERREIRA, 1988, p.20).

Outros exemplos como os que virão a seguir me fazem refletir sobre a importância de os professores serem formados e permanecerem leitores críticos para que isto repercuta em suas aulas e, portanto, em seus alunos.

Na adolescência fui tomada completamente pela política e pela literatura, devo ressaltar que o meu boom literário, nessa época, é responsabilidade do Afonso, meu professor inesquecível de história,

esteve comigo durante todo o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, uma das pessoas mais inteligentes que conheço e um leitor voraz, me apresentou um autor que revolucionaria minha vida, Jack Kerouac, com seus livros aprendi principalmente o caráter transformador e crítico que a literatura possui, confesso que hoje com meus 22 anos tenho muitas ressalvas a ele, mas com 15 anos ele teve um papel fundamental em minha formação.

- Paula

Aprendi a ler na escola, com a bibliotecária da escola, Fabi. O vínculo entre ela e todas as crianças eram muito fortes. Toda semana tinha leitura na biblioteca, ela se fantasiava de acordo com a escola, separava um cantinho e contava suas histórias. Minha imaginação navegava em águas profundas, e a Fabi sempre instigava isso.

- Luíza

Meu primeiro contato com a literatura ocorreu aos sete anos, quando encontrei na escola um pequeno livro de capa azul, páginas amareladas e um pouco gastas, mas que, inexplicavelmente, me pareceu interessantíssimo. Pedi à professora que me emprestasse o tal livro e ela, surpresa, não negou meu pedido. Tratava-se de um romance de Daniel Defoe, Robinson Crusoe. Livro difícil, com palavras que eu ainda não entendia bem, mas nunca esqueci a história que ele me contava. Foram dias e dias digerindo página por página, esforçando-me muito para entender, preenchendo minhas tardes com a fantasia de coisas das quais não ouvira antes. Lembro-me que o lia deitado no sofá e acabava pegando no sono sempre, elaborando em meus sonhos as imagens que minha imaginação apenas rascunhava durante a leitura, mergulhando na história. Entreguei o livro à professora depois de um mês cheio de uma nova experiência: a leitura.

- Daniel

A professora era mais crítica e nos fazia refletir sobre os problemas contidos nos livros, e não era apenas uma leitura corrida e sistemática. A crítica social que tem no livro "Vidas Secas" foi algo que me tocou muito, e também a morte da baleia que até hoje me deixa balançada.

- Fernanda

É possível ver pelos relatos que durante suas vidas escolares os alunos se encontraram com professores que valorizavam o ato de ler como uns atos de criticidade assim puderam ao longo de suas vidas encarar a literatura não só como uma forma de passar o tempo, mas como uma maneira de compreender tempos e ações sociais ao longo da história.

Como propõe Silva (2010):

[..] a leitura coloca-se como produção e sempre supõe trabalho do sujeito-leitor. Mais especificamente, a obra literária, ao amarrar-se a



um leitor, desvia-se da mera contemplação irracional e passiva, exigindo desse leitor a sua participação criadora. (SILVA, 2010, p.29).

Desta forma, nós professores devemos sempre apresentar a leitura como um ato contemplativo de nós mesmos e da sociedade em que estamos inseridos, não transformando a leitura literária numa simples atividade avaliativa e/ou de importância inferior os demais conteúdos trabalhados na escola.

Assim, é necessário percebermos que:

Ao se discutir, portanto, a formação do leitor temos de recuperar o compromisso da educação e da escola com a instauração da leitura não como hábito imposto, sutil ou calculadamente, nem como um ato provocado, induzido e descompromissado, mas como ato político e democrático, na medida que significa decisão, ato voluntário de leitores considerados não como consumidores, mas principalmente como cidadãos. (Ferreira, 1988, p.23).

Desta forma, concluo, pontuando que “Não podemos deixar que a escola neutralize e/ou escolarize o processo de leitura, acabando por destruir a ação mediadora entre cada ser humano e seu presente, sem comprometê-los e entrelaçá-los.” (FERREIRA, 1988, p.24). Afinal acredito que “[..] fruir o texto literário e crescer pessoalmente ou transformar-se politicamente são partes de um mesmo ato.” (SILVA, 2010, p.30).

### **4.3 A formação do futuro professor-leitor**

Este núcleo pretende demonstrar as falas em que os alunos se sentiram de alguma forma, agradecidos pela oportunidade que a disciplina EP347 lhes deu de refletir sobre as práticas de leitura dos mesmos e de seus futuros alunos.

Percebe-se neste seguimento apenas uma fala referente à identificação de momento oportuno de leitura. Como vê-se abaixo, a aluna comenta a alegria de finalmente achar um espaço para ler literatura no decorrer da graduação.

Estava esperando um momento mais sossegado para começar a lê-lo. Então nas primeiras aulas da disciplina de Educação, Cultura e Linguagens em que a professora pediu para que escolhêssemos um livro literário para ler, ele apareceu na lista! Fiquei muito feliz por que

poderia começar a lê-lo. Talvez se não fosse pela disciplina eu demoraria muito mais tempo para começa-lo.  
- Karina

Esta fala, infelizmente, reflete o que foi dito em muitas discussões durante as aulas: a falta de oferecimento de literatura nos cursos de graduação. Se bem analisado, a partir desta colocação posso imaginar que exista na Academia uma priorização dos conteúdos teóricos em detrimento da leitura de literatura por julgá-la inferior ou passível de menos aprendizados que outras formas de leitura.

Outras falas relativas à oportunidade diz respeito

Para finalizar, gostaria de salientar o quão incrível foram as sessões do clube da leitura. Foi super legal essa experiência! Nunca tinha passado por isso e foi muito bacana esse momento de troca. Várias pessoas contando suas experiências, você lembrando das suas, e assim vai. Foi muito gostoso e já posso incluir o clube da leitura nas memórias da minha trajetória como leitora.  
- Bárbara

A disciplina de Educação Cultura e Linguagem juntamente com a disciplina de Sociologia Geral oportunizaram a leitura e o debate de livros de literatura durante nossas aulas. Este diferencial metodológico e político foi fundamental para que eu compreendesse o meu papel como educadora. Como professora é preciso compreender que é possível modificar a forma como o ensino de português tem sido reproduzido e se reconhecer como agente nesta mudança. Para tanto permitir-se ler sem o compromisso de analisar o que se lê todo o tempo é fundamental, pois é preciso compreender que o lugar onde a literatura age é infinitamente mais profundo que o lugar onde a leitura técnica atua.  
- Daiane

Algo que considero riquíssimo do decorrer do Clube de leitura foi em relação à evolução acadêmica que os alunos sofreram durante o processo, assim como exemplificam a fala destes discentes:

As discussões em sala de aula no clube de leitura sempre nos apresentava de forma prática as diversas possibilidades de produção se sentidos possíveis para uma mesma obra.  
-Daiane

Durante a leitura desse livro, diversas memórias foram surgindo em minha mente. A leitura nos permite constituir sentidos, através de um

trecho você consegue pensar além daquilo que o autor quer dizer, você pensa nas suas experiências de vida.  
- Jaqueline

É possível perceber aqui como as alunas passaram a articular as leituras feitas com o conteúdo das aulas e, principalmente, com suas histórias de vida. Durante as discussões em sala alguns alunos passaram a contemplar as obras lidas de maneira diferente do que as viam no início da leitura, passando a perceber que, mesmo que indiretamente, estavam conectados as histórias de vida dos personagens que cercavam a narrativa.

É interessante também notar a evolução acadêmica que tiveram em relação à profissão que futuramente seguirão:

Durante este semestre discutimos através de diversas perspectivas o caminho da leitura, o movimento dos leitores e a importância da formação de nossos leitores como futuros pedagogos, e considero de grande importância lembranças, conhecimentos e autoconhecimento suscitados no decorrer desse semestre, que essa forma de pensar a leitura me trouxe também como pessoa, pois passei a enxergar a minha relação com os livros e as pessoas de forma muito mais crítica.  
- Cássia

A criticidade literária que desenvolveram ao longo do semestre foi o objetivo e maior ganho que se pretendia com a disciplina. Além disto, nossos discentes comentaram quadros muitos sentimentais e pessoais que foram lembrados ou suscitados durante a participação no Clube de Leitura, falas tais como:

A disciplina inteira me fez pensar e refletir muito sobre como me foi concebida a literatura e a língua portuguesa como um todo e, nesse movimento, refletir sobre como eu quero conceber aos meus futuros alunos. Quais experiências quero valorizar, quais posso deixar para trás.  
- Luíza

Em suma, eu como futura pedagoga, me vejo com a missão de conduzir a criança ao saber, ao amor a leitura e escrita, amor este que deve ser adquirido com liberdade e espontaneidade, por vontade própria e por prazer.  
- Jaqueline

Como se pode ver nas falas acima, há uma reflexão sobre como as matérias de língua portuguesa e literatura foram concebidas em seus anos escolares, e assim, as alunas passaram a compreender porque se interessaram ou não pela leitura. Outra leitura feita destas falas reflete as profissionais que as mesmas pretendem se tornar no futuro, buscando oferecer a seus alunos práticas de leitura mais interessantes, intensas e críticas. Outra fala grifada foi:

[...] a professora nos solicitou que escolhêssemos um livro de literatura de uma lista que ela disponibilizaria e nós deveríamos ler como leitura obrigatória para um trabalho final. Todos os dias, no começo da aula, teria o “Clube de Leitura”, onde falaríamos dos livros lidos e discutiríamos eles. Fiquei bem aflita quanto a isso porque tenho uma resistência muito grande de falar em público, mas a parte de ler literatura me encantou.

- Fernanda

Tal fala revela o nervosismo da aula em relação à leitura e socialização da mesma, isto normalmente acontece com os discentes devido a um histórico de nervosismos relativos a questionamentos literários propriamente gramaticais, onde o aluno deve apontar corretamente os aspectos e fatos ocorridos nos livros. Raramente são abertas possibilidades de discussão da relação do leitor com a história, portanto quando os alunos se veem com esta oportunidade, tendem a demorar a se acostumar com ela.

Abaixo vê-se também falas que dizem respeito a EP347 como uma experiência de imersão prazerosa tanto para quem já tinha proximidade e bons sentimentos com a leitura como quem os desenvolveu ao longo do semestre.

Arrisco-me a dizer que Educação, Cultura e Linguagens foi a disciplina mais prazerosa que cursei desde minha entrada na universidade. Para mim, que sempre tive laços com a leitura e escrita, os textos, as discussões, os filmes e as propostas de trabalho mostraram-se como atividades divertidas, interessantes e de aproximação com a minha história pessoal

- Carla

Diferente de todas as outras matérias esse disciplina nos deu a oportunidade de escolhermos um livro de literatura para ler durante o semestre, o que me deixou muito feliz, porque como disse anteriormente a leitura de um mundo sem encantos e muito acadêmico nos adoece, ou melhor, me adoece.

- Cássia

Estas falas refletem também como apresentamos poucas oportunidades de reflexão e apreciação literária nas graduações, mesmo que muitas vezes haja discussões teóricas sobre o fomento à leitura, normalmente os cursos universitários se limitam a isto não oferecendo aos alunos a experiência de ler literatura e pensar sobre a leitura de literatura durante a formação.

A seguir demonstrarei algumas falas mais voltadas para a reflexão que os alunos tiveram sobre seu lugar social e, portanto, seu lugar no mundo da leitura literária.

Para começar a falar da minha história com a leitura gostaria de dizer que nunca havia me sentido privilegiada por saber ler, ou melhor, não reconhecia a leitura como um privilégio. Durante este semestre discutimos através de diversas perspectivas o caminho da leitura, o movimento dos leitores e a importância da formação de nossos leitores como futuros pedagogos, e considero de grande importância lembranças, conhecimentos e autoconhecimento suscitados no decorrer desse semestre, que essa forma de pensar a leitura me trouxe também como pessoa, pois passei a enxergar a minha relação com os livros e as pessoas de forma muito mais crítica.

- Cássia

[...] a quebra de paradigmas e o choque de realidade que nós temos ao entrar na faculdade se tratam de um processo doloroso. A aprendizagem que nós adquirimos não advém apenas de coisas novas, mas também de olhares diferentes que damos para as coisas que já conhecemos e que nos constroem como futuros profissionais e nos reconstroem como pessoas, e é exatamente nessa perspectiva que eu enxerguei o meu movimento durante a disciplina de Educação, Cultura e Linguagens.

- Cássia

As aulas foram em sua maioria bem intensas. Não importava se estávamos lendo uma poesia, vendo um filme, discutindo o texto acadêmico ou ouvindo um depoimento de um colega, tudo foi bem marcante.

- Cássia

A quebra e paradigmas proposta pela aluna - que obviamente foi muito impactada pela disciplina - já que selecionei três falas marcantes da mesma em relação ao assunto - foi um dos ideias da disciplina: causar estranhamento. A partir das propostas da disciplina, os alunos encaravam seu histórico na literatura e seu lugar de fala no mundo, podendo perceber, assim como a

aluna, os privilégios ou a falta deles por frequentar certos espaços ou participar de certas ações.

Nestas falas percebo que os alunos consideram que sua formação pessoal e acadêmica foram enriquecidas na passagem pela EP347- Educação, Cultura e Linguagem fazendo-os refletir sobre sua própria formação. A partir do pensamento a respeito de seus projetos formativos os discentes notaram como foi necessário passar por um processo emocional e acadêmico para realizarem a escrita de seus memoriais.

Como já tenho discutido ao longo deste trabalho, é indispensável que as universidades passem a propor atividades de reflexão mais críticas em relação ao incentivo à leitura. Os alunos da EP347 revelaram em diversos momentos como se sentiram privilegiados por poderem ter um momento no curso de graduação em que se pusesse discutir, e ao mesmo tempo desfrutar, a leitura literária. Mas como já revelado pelos mesmos, o próprio curso de pedagogia e as demais licenciaturas abrem poucos espaços para que essas experiências e discussões sejam feitas e penso que esta realidade deveria ser diferente, pois, como propõe este trabalho, dar aos professores a oportunidade de pensar sobre suas futuras práticas em relação ao incentivo a leitura literária só tem a contribuir para a sua formação acadêmica e pessoal.

Nossos alunos da EP347 puderam perceber de forma prática como compreender a importância da leitura literária permitiu uma maior compreensão de que resoluções devem ser tomadas para melhorar o ensino de leitura nas escolas. Desta forma, volto a grifar a importância de haver espaços de discussão e práticas de leitura nas universidades, principalmente nos cursos de licenciatura.

Durante a disciplina EP347 buscou-se demonstrar aos alunos que seus métodos e trajetórias de leitura eram ricos mesmo sendo diferentes uns dos outros, pois na pedagogia histórico-cultural defende-se que o caminho é mais valioso que a chegada. Assim, pode-se compreender que o fato de os alunos terem experiências de leitura e perceberem os ganhos que tiveram com as leituras feitas, acaba por ser mais importante que saber quantos ou quais livros foram lidos por eles durante a vida.

Busco concluir este núcleo lembrando sobre a importância de discutir a valorização de leituras de literatura e, principalmente, que ela se dê nos cursos

de formação de professores em conjunto com a discussão teórica a respeito das formas de linguagem e aparada pela pedagogia histórico-cultural.

Finalizo assim, pontuando como os discentes para qual a disciplina foi oferecida consideram importantíssimos os diferenciais políticos e metodológicos apresentados durante as aulas. Pontuaram também como foi um conteúdo fundamental para as práticas que seguirão como professoras e professores, pretendendo levar estes conhecimentos para o nível de suas futuras práticas em sala de aula.

## **Considerações Finais ou Caminhos que ainda temos a trilhar?**

Tentei sintetizar as discussões realizadas durante a disciplina nos três capítulos que compõe este trabalho. No primeiro capítulo “O curso de pedagogia no Brasil: um breve histórico” no qual versei sobre a valorização e importância da universidade como espaço de socialização e compartilhamento dos saberes socialmente produzidos. Através de um apanhado histórico pude perceber como se deu e continua se dando o processo legislativo da educação universitária e também as formas como foi valorizada ou desvalorizada ao longo do tempo. Discuti também acerca das especificidades do processo de ensino aprendizagem na disciplina EP347.

No segundo capítulo “A leitura literária na constituição dos sujeitos” trabalhei com as concepções de Vigotski acerca dos processos de constituição do psiquismo humano, bem como a importância da leitura neste nesses processos. Foi importante dar uma breve explanação das ideias de Lev Vigotsky para que o leitor deste presente trabalho compreendesse os processos que vão constituindo os discentes ao longo da vida, deixando que os aprendizes participem ativamente do seu processo de aprendizagem.

No terceiro capítulo “Metodologia de pesquisa” tratei a respeito de qual o processo metodológico e a base de dados utilizada no presente trabalho.

Por último, no quarto capítulo “A experiência literária” tratei dos dados produzidos a partir das falas dos discentes extraídas dos memoriais dos mesmos. Pude perceber nestas falas como a disciplina provocou mudanças nas concepções que os discentes tinham acerca das práticas de leitura e das próprias trajetórias. As colocações analisadas me ajudaram a perceber como a presença de um docente que se faça um leitor crítico reverbera em suas práticas e, portanto, na maneira com a qual seus alunos se relacionam com as práticas literárias.

Entretanto ainda há muitos caminhos a serem seguidos para que mais professores em formação possam ter a mesma oportunidade contemplativa que eu vivi e perceberem que:

Sem despojamento e humildade, qualidades necessárias ao reconhecimento e superação dos nossos próprios comportamentos reacionários, dificilmente conseguiremos construir uma nova



sociedade. No terreno da formação de leitores, a existência e a prática dessas duas qualidades me parecem fundamentais, pois uma revolução pedagógica na área da leitura (ou em qualquer outra área) não advém de discurso vazio, mas principalmente da ação consciente dos agentes sociais junto às novas gerações, baseadas em princípios políticos claros e compartilhados. (SILVA, 2010, p.21-22).

Assim, através deste trabalho e das vivências na EP347 – tanto como aluna quanto como apoio didático – percebo o quanto ainda temos de percorrer caminhos sinuosos para defender um ensino e uma aprendizagem de leitura que se faça crítica e realmente significativa para a vida dos alunos. Durante a disciplina foram muitos os aprendizados, assim como o presente trabalho apresenta em forma das falas dos próprios discentes, mas o mais importante é que nós professores possamos continuar a defender espaços que incentivem a formação leitora nos cursos de licenciatura.

E assim, continuaremos a seguir por longos trajetos e caminhos desconhecidos, mas sempre em defesa de uma escola pública, laica, de qualidade e para todos que defenda o ato de ler como um ato crítico em prol da real participação cidadã.

## **Referências**

ABUD, Maria Jose Milharezi. O ensino da leitura e da escrita na fase inicial da escolarização. São Paulo, SP: EPU, 1987. 76 p. (Temas básicos de educação e ensino). Inclui bibliografia.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006.

BRASIL. Lei nº 11.738/2008. Institui a Lei do Piso Salarial Profissional Nacional para os profissionais do magistério público da educação básica.

CORTELLA, Mario Sergio. A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos. 14. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2011. 152 p. ISBN 9788524914140 (broch.)

DAIBELLO, Cláudia de Oliveira. Ruth Rocha: produção, projetos gráficos e mercado editorial. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

Em busca da autonomia do sujeito-leitor: a leitura de universitários/ Gisela da Rocha e Sílvia Guidi (coord) – 2. ed. – Santos, SP: Ed. Leopoldianum – UniSantos, 1998.

FELIPE, Eliana da Silva. Leitores na contramão. Organização de Heloísa Andreia de Matos Lins. Campinas, SP: Leitura crítica, 2012. 135 p. ISBN 9788564440012 (broch.).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio: o dicionário de língua portuguesa – 8.ed – Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Leitura de histórias de leitura. 1988. 139f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de Português. In: GERALDI, J. W. O texto na sala de aula. Ática, 2004

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. História da educação brasileira. 4. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2009. 272 p. ISBN 9788524912115 (broch.)

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Ler e compreender os sentidos do texto. Coautoria de Vanda Maria Elias. São Paulo, SP: Contexto, 2006. 126 p., il. ISBN 8572443274 (broch.).

MAGNANI, Maria do Rosario Mortatti. Leitura, literatura e escola: subsídios para uma reflexão sobre a formação do gosto. 1987. [177]f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252813>>. Acesso em: 30 de novembro 2018.

MCGUINNESS, Diane. O ensino da leitura: o que a ciência nos diz sobre como ensinar a ler. Tradução de Luzia Araújo. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006. 284 p. (Biblioteca Artmed. Alfabetização). ISBN 8536306874 (broch.).

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento : um processo sócio-histórico. 5. ed. São Paulo, SP: Scipione, 2010. 112 p., il. (Pensamento e ação na sala de aula). ISBN 9788526276888 (broch.)

PETIT, Michèle. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. 2. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2009. 189 p. ISBN 9788573263978 (broch.).

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia historico-critica: primeiras aproximações. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, c1995. 128p. (Polêmicas do nosso tempo, v.40). ISBN 8585701099 (broch.)

SAVIANI, Dermeval. Sistema Nacional de Educação e Plano Nacional de Educação: significado, controvérsias e perspectivas. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura na escola e na biblioteca. 11. ed. rev. e atual. Campinas, SP: Leitura critica, 2010. 132 p. ISBN 8530801237 (broch.).

SMITH, Frank. Leitura significativa. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1999. 168 p. ISBN 8573074655 (broch.).

VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organização de Michel Cole; Tradução de Jose Cipolla-Neto. 7. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes/Selo Martins, 2007. 182 p. (Psicologia e pedagogia). ISBN 9788533622647 (broch.).

VIGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008. 194 p. (Psicologia e pedagogia). ISBN 9788533624306 (broch.).

## Anexos

A seguir consta a lista completa de livros sugeridos para escolha do aluno, lembrando que a leitura de um título de literatura se fazia obrigatória de acordo o plano da disciplina, porém a escola era livre dentre as opções apresentadas:

<b>Título do livro</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>Editora e ano de edição</b>	<b>Gênero</b>
10 LIVROS QUE ABALARAM MEU MUNDO	VÁRIOS AUTORES	CASA DA PALAVRA, 2006	TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA
A BIBLIOTECA A NOITE	ALBERTO MANGUEL	COMPANHIA DAS LETRAS, 2006	TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA
A BIBLIOTECA MÁGICA DE BIBI BOKKEN	JOSTEIN GAARDER	COMPANHIA DAS LETRAS, 2013	LITERATURA
A CASA DE PAPEL	CARLOS MARIA DOMÍNGUEZ	FRANCIS, 2016	ROMANCE
A DÉCIMA TERCEIRA HISTÓRIA	DIANE STTERFIELD	EDITORA RCB, 2007	ROMANCE
A ELEGÂNCIA DO OURIÇO	MURIEL BARBERY	COMPANHIA DAS LETRAS, 2008	ROMANCE
A FILHA DO ESCRITOR	GUSTAVO BERNARDO	AGIR, 2008	ROMANCE
A LOUCA DA CASA	ROSA MONTEIRO	EDIOURO, 2003	LITERATURA
A MALETA DE MEU PAI	ORHAN PAMUK	COMPANHIA DAS LETRAS, 2007	LITERATURA
A MENINA QUE NÃO SABIA LER (VOL 1 E 2)	JOHN HARDING	LEYA, 2010/ LEYA, 2014	ROMANCE
A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS	MARKUX ZUSAK	INTRINSECA, 2007	ROMANCE
A MONTANHA E O RIO	DA CHEN	NOVA FRONTEIRA, 2007	ROMANCE
A PAIXÃO PELOS LIVROS	JULIO SILVEIRA; MARTHA RIBAS (ORG)	CASA DA PALAVRA, 2004	TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA
A PONTE PARA O SEMPRE	RICHARD BACH	RECORD, 2005	ROMANCE
A PROMESSA DO LIVREIRO	JOHN DUNNING	COMPANHIA DAS LETRAS, 2005	FICÇÃO POLICIAL
A SOCIEDADE	MARY ANN	ROCCO, 2009	ROMANCE

LITERÁRIA E A TORTA DE CASCA DE BATATA	SHAFFER, ANNIE BARROWS		
A SOMBRA DO VENTO	CARLOS RUIZ ZAFÓN	SUMA DE LETRAS, 2007	ROMANCE
A VIDA DO LIVREIRO	A. J. FIKRY	EDITORA PARALELA, 2014	LITERATURA
ALEGRES MEMÓRIAS DE UM CADÁVER	ROBERTO GOMES	CRIAR EDIÇÕES, 2004	LITERATURA
APRENDIZ DO TEMPO	IVO PITANGUY	NOVA FRONTEIRA, 2007	BIOGRAFIA
AS MEMÓRIAS DO LIVRO	GERALDINE BROOKS	EDIOURO, 2008	ROMANCE
BALZAC E A COSTUREIRINHA CHINESA	DAI SIJIE	ALFAGUARA BRASIL, 2007	ROMANCE
BECH NO BECO	JOHN UPDIKE	COMPANHIA DAS LETRAS, 2000	ROMANCE
CINZAS DO NORTE	MILTON HATOUM	COMPANHIA DAS LETRAS, 2005	ROMANCE
COMER, REZAR, AMAR	ELIZABETH GILBERT	OBJETIVA, 2008	AUTOBIOGRAFIA
COLÓQUIO MORTAL	LEV RAPHAEL	COMPANHIA DAS LETRAS, 2007	FICÇÃO POLICIAL
COMO FALAR DOS LIVROS QUE NÃO LEMOS	PIERRE BAYARD	OBJETIVA, 2008	TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA
EDIÇÕES PERIGOSAS	JOHN DUNNIG	COMPANHIA DAS LETRAS, 2002	FICÇÃO POLICIAL
EU SOU O LIVREIRO DE CABUL	SHAH MUHAMMAD RAIS	BERTRAND BRASIL, 2007	BIOGRAFIA
FAHRENHEIT 451	RAY BRADBURY	GLOBO, 2009	FICÇÃO CIENTÍFICA
FOME	KNUT HAMSUN	ITATIAIA EDITORA, 2004	ROMANCE
HAROUN E O MAR DE HISTÓRIAS	SALMAN RUSHDIE	COMPANHIA DE BOLSO, 2010	ROMANCE
HISTÓRIAS DE QUADROS E LEITORES	MARISA LAJOLO	MODERNA, 2006	CONTOS E CRÔNICAS
O ANO DA LEITURA MÁGICA	NINA SANKOVITCH	LEYA, 2011	BIOGRAFIA
O CAÇADOR DE PIPAS	KHALED HOSSEINI	NOVA FRONTEIRA, 2005	ROMANCE
O CASTELO DE VIDRO	JEANNETTE WALLS	NOVA FRONTEIRA, 2007	BIOGRAFIA

O CLUBE DO LIVRO DO FIM DA VIDA	WILL SCHWLBÉ	PRISA, 2013	BIOGRAFIA
O COLECIONADOR DE LIVROS	REVANIL BERTELLI	NOVO SÉCULO, 2009	ROMANCE
O ENIGMA DE VIVALD	PETER HARRIS	RELUME-DUMARA, 2005	ROMANCE
O HOMEM SEM QUALIDADES	ROBERT MUSIL	NOVA FRONT-SINERGIA, 2006	ROMANCE
O JOGO DO ANJO	CARLOS RUIZ ZÁFON	PONTO DE LEITURA, 2011	ROMANCE
O JORNALISTA, O ESCRITOR E O AVIADOR	ALUÍZIO FALÇÃO FILHO	CLIO EDITORA, 2007	LITERATURA
O LADRÃO QUE ESTUDAVA ESPINOSA	LAWRENCE BLOCK	COMPANHIA DAS LETRAS, 2002	FICÇÃO POLICIAL
O LEITOR	BERNHARD SCHILINK	RECORD, 2009	ROMANCE
O LEITOR APAIXONADO	RUY CASTRO	COMPANHIA DAS LETRAS, 2009	LITERATURA
O LIVREIRO DE CABUL	ASNE SEIEESTAD	RECORD, 2007	COMUNICAÇÃO
O LIVREIRO DO ALEMÃO	OTAVIO LUIZ	PANDA BOOKS, 2011	BIOGRAFIA
O LIVRO DE AREIA	JORGE LUIS BORGES	COMPANHIA DAS LETRAS, 2009	LITERATURA
O LIVRO DOS LIVROS PERDIDOS	STUART KELLY	RECORD, 2007	TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA
O LIVRO ENTRE ASPAS	RODRIGO M. DIOGO, CARLO CARRENHO (ORGS)	CASA DA PALAVRA, 2005	TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA
O MUNDO DE SOFIA	JOSTEIN GAARDER	COMPANHIA DAS LETRAS, 2012	ROMANCE
O NOME DA ROSA	UMBERTO ECO	NOVA FRONTEIRA, 1983	ROMANCE
O SEGREDO DAS COISAS PERDIDAS	SHERIDAN HAY	NOVA FRONTEIRA, 2008	ROMANCE
O SOPRADOR DE VIDRO	MARINA FIORATO	PRUMO, 2009	ROMANCE
O SR. PIP	LLOYD JONES	ROCCO, 2007	ROMANCE
ONZE MINUTOS	PAULO COELHO	SEXTANTE, 2012	ROMANCE
OS LIVROS E OS DIAS	ALBERTO MANGUEL	COMPANHIA DAS LETRAS, 2005	TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA
RESISTÊNCIA- A	AGNES	AGIR, 2015	BIOGRAFIAS

HISTÓRIA DE UMA MULHER QUE DESAFIOU HITLER	HUMBERT		
SHAKESPEARE AND COMPANY	SYLVIA	CASA DA PALAVRA, 2004	BIOGRAFIA
TERRA SONÂMBULA	MYA COUTO	COMPANHIA DAS LETRAS, 2007	ROMANCE
TIA JULIA E O ESCRIVINHADOR	MARIO VARGAS LLOSA	PONTO DE LEITURA, 2010	LITERATURA
TODOS OS HOMENS SÃO MENTIROCOS	ALBERTO MANGUEL	COMPANHIA DAS LETRAS, 2010	LITERATURA
UM LIVRO POR DIA: MINHA TEMPORADA PARISIENSE NA SHAKESPEARE AND COMPANY	JEREMY MERCER	CASA DA PALAVRA, 2007	BIOGRAFIA

Apresentaremos aqui também um gráfico que representa os livros escolhidos pelos alunos que foram citados no Memorial, que diz respeito à última avaliação realizada nesta disciplina:

